

EDITORIA ATO ANO IV N.º 20
SETEMBRO DE 1984 - Cr\$ 1.500,

ato



Roberto Feder

A Elgin
compra
parte
da G.E.



MOGI 424 ANOS

APESAR DE TUDO, UMA CIDADE AMADA



A vida
agitada
do estilista
Fran



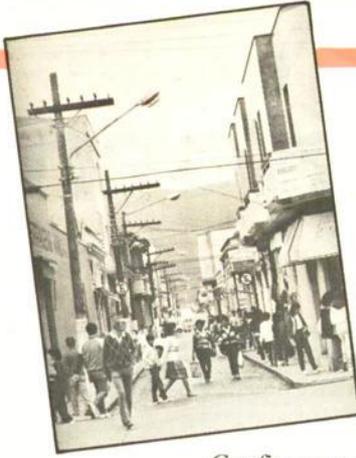
Vera
Fischer,
sucesso
no palco

ABERTURA

Ato chega ao 20.º número no aniversário da cidade e, por isso, dedica uma de suas reportagens de capa ao comportamento de sua população diante da realidade do município que, na metade dos anos 80, talvez tenha chegado ao ponto mais baixo de sua credibilidade interna e externa.

A presente edição mostra também uma tendência nova – ou pelo menos desconhecida – na força de trabalho da cidade: mulheres que passaram a exercer serviços até há pouco exclusivos dos homens. Um exemplo, a função de borracheiro. Ou melhor, borracheira.

O leitor de **ATO** encontrará ainda uma interessante conversa com o estilista Fran Carvalho, um mogiano que se fez no setor da alta costura, mas que também inclui entre suas



experiências profissionais o teatro, onde chegou a encenar a peça "Hair". O figurinista fala de sua cidade, do ambiente em que vive e do conceito que faz de Mogi.

Aproveitando a discussão nacional que se trava no momento sobre a sucessão presidencial, a revista quis saber o que está pensando do assunto a Câmara Municipal.

Confira se o vereador que você ajudou a eleger tem pensamento igual ao seu.

Ainda na área política, a repórter Vanice Assaz entrevistou o agrônomo Luis Pimenta – demitido da Secretaria de Agricultura – para saber os motivos da queda. Em um longo depoimento, o ex-secretário conta fatos e dá informações úteis para quem quiser avaliar o atual momento político mogiano. Vale a pena ver.

F.L.

LEIA

ESCOTISMO

O escotismo, movimento que já teve muitos adeptos na cidade, ainda existe em Mogi. Veja o que pensam escoteiros de 20 anos atrás sobre a experiência. **Página 15.**



Um artigo sobre o escritor José Mauro de Vasconcelos, desenhado pela crítica, mas um dos autores mais lidos no Brasil em todos os tempos. **Página 20.**



Vera Fischer, aos 32 anos, continua muito bela e agora fazendo sucesso em São Paulo. Ela está falando de sua vida em entrevista exclusiva para **ATO**. **Página 22.**

RÁDIO

O programa "Balancê", comandado pelo impagável Fausto Silva, é uma das melhores novidades do rádio brasileiro nos últimos anos. Confira. **Página 20.**



Este é Yuri Ferreira Saba, um campeão brasileiro de Caratê que Mogi das Cruzes ainda desconhece. E, claro, não lhe dá qualquer apoio. **Página 19.**

E

Artes e Espetáculos 20 e 21
Caldeirão 32 e 33
Cartas 4

Gente 18 e 19
Negócios 5
Opinião 34

Painel 6
Panorama 16 e 17
Ponto de Encontro 31

Fotos de capa: Marcos Lima



O debate do comércio



Muito interessante a forma encontrada por **ATO** para mostrar a situação atual do comércio, uma extensão de todo o momento brasileiro de hoje. O debate é sempre saudável, em qualquer setor de atividade. Prossigam.

*Marlene S. Birgetti
Mogi das Cruzes*

ATO foi muito feliz no debate que promoveu entre representantes do comércio local. Para mim, particularmente, esse seria um tema árido, mas acabei consumindo-o de ponta-a-ponta.

*Joaquim Magalhães Fernandes
Mogi das Cruzes*

Li a reportagem sobre o comércio e fiquei com uma suspeita: será que os comerciantes não estão chorando de barriga cheia? Será que a situação deles é tão ruim assim?

*Ernestina P. da Silva
Mogi das Cruzes*

Antônio Fagundes

Peço permissão para discordar das leitoras Suzana Ap. Bernardes e Marilda Gonçalves Silva. Não gostei da entrevista com o Antônio Fagundes. Na verdade, achei o ator muito pretensioso e pedante.

*Renata C. Mendes
Mogi das Cruzes*

ATO mensal

Quero cumprimentar a direção da revista pela decisão de passar a publicar **ATO** mensalmente, o que, sem dúvida, será de grande importância para a cidade.

*Job Alencastro
Mogi das Cruzes*

Queremos cumprimentá-los pela nova fase da revista **ATO**, agora mensal, enfocando portanto com mais assiduidade os problemas também menores da cidade, que antes se perdiam no tempo e na me-

mória entre uma e outra publicação.

Nossos cumprimentos referem-se também à seriedade e dedicação, ao dinamismo e coragem, ao arrojo e ineditismo com que os problemas são enfocados. Para uma cidade de interior como a nossa (apesar de na Grande São Paulo) granjeia a confiabilidade dos leitores saber que esta publicação não está "atada" nem dependente de verbas municipais.

*Nelson G. Yoshinaga
Mago Arte Visual
Mogi das Cruzes*

Espero que **ATO** na periodicidade mensal possa ter a mesma qualidade e sucesso dos tempos em que era bimestral.

*Pedro Paulo Queiroz
Mogi das Cruzes*

O conto de Ivone

Achei muito mais do que excelente a publicação do depoimento da professora Ivone Dias, vencedora de um concurso promovido por uma revista de veiculação nacional. Foram realmente terríveis aqueles anos de repressão descritos pela autora. Eu, particularmente, desconhecia o assunto e a premiação da mogiana. É por abordagens como essa que sempre espero **ATO** com certa ansiedade. Quero também cumprimentá-los pela passagem a mensal, o que particularmente me agrada muito.

*Wilson Ferreti Neto
Mogi das Cruzes*

Correções

Na edição anterior publicamos de forma errada o nome da missivista Marilda Gonçalves Silva. Seu nome correto é Marília Gonçalves Silva.

Por um erro de ortografia informamos, no número passado, que **ATO** passaria de bimensal para mensal. O correto é a passagem da revista de bimestral para mensal.

*Cartas para ATO,
rua Capitão Manoel Caetano, 203,
Mogi das Cruzes - SP
CEP - 08700*

Diretor

Márcio de Paula

Editor Responsável

Fernando Leal

Diagramação

Dirceu Roque de Sousa

Produção

Marina de Siqueira e Aranha

Produção Gráfica

Mário Tadeu Rosas

Publicidade

Dig Jayme Guesso Leão
Robson Regato

Circulação

Edson Pereira

Redação

Fernando Leal, Vanice Assaz, Dirceu Roque de Sousa, Denise Caboclo e Marcos Lima.

Colaboradores

Carlos Chagas (**Brasília**), Roberto Godoy e Wilson Marini (**Campinas**), José Carlos Santana (**Londres**), Darwin Valente, EME e Lenilde Pacheco (**Mogi das Cruzes**), José Roberto de Alencar (**Rio de Janeiro**), Amado Neto e Flávio Nery (**São José dos Campos**), Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediato, Luiz Nassif, Maria Inês de Camargo, Mariângela Alves de Lima, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Sérgio Vaz e Vital Bataglia (**São Paulo**).

ATO é uma publicação mensal da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.054, telefone: 914-2377, CGC 46249439/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, R. Capitão Manoel Caetano, 203, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 - P. 209/73. **ATO** é distribuída gratuitamente por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda. Fotolito e Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.

INDÚSTRIA

Enxergando no escuro

Roberto Feder, da Elgin, busca mais diversificação e aposta na informática

No início da década de 50, os irmãos Joseph e Jack, mais o primo David Feder, resolveram que o Brasil seria o local ideal para realizar o sonho de fundarem uma indústria de máquinas de costura. Era um país cujo mercado interno começava a se desenvolver e no qual os esforços para substituir as exportações surgiram em breve. Em 53, eles fundavam a Elgin, que até hoje mantém sua estrutura familiar, mas que, das máquinas de costura, já entrou no campo da informática, com as suas impressoras matriciais para computadores, passou e mantém a fabricação de produtos como cozinhas domésticas, estantes moduladas, máquinas de tricô e crochê, compressores herméticos e unidades condensadoras e, este ano, está lançando no mercado brasileiro o "Silent Line", o mais moderno e silencioso aparelho de ar condicionado já fabricado no país, resultado da compra de uma das áreas industriais da General Electric, negociação fechada no início deste ano. Roberto Feder, um engenheiro formado pela Escola Politécnica, 31 anos, filho do pioneiro David Feder e atual diretor executivo da Elgin Máquinas S.A. falou a ATO sobre as medidas que a empresa vem adotando para vencer a crise; o caminho da família para manter o princípio que inspirou a denominação Elgin — nome de um conde que salvou as esculturas do Partenon de Atenas dos exercícios de tiro do exército turco; a decisão de diversificar a linha de produtos e a aquisição do setor de aparelhos de ar condicionado da GE.

ATO — A Elgin realizou o sonho dos Feder com as máquinas de costura. Porque a diversificação de produtos a partir de 1958?

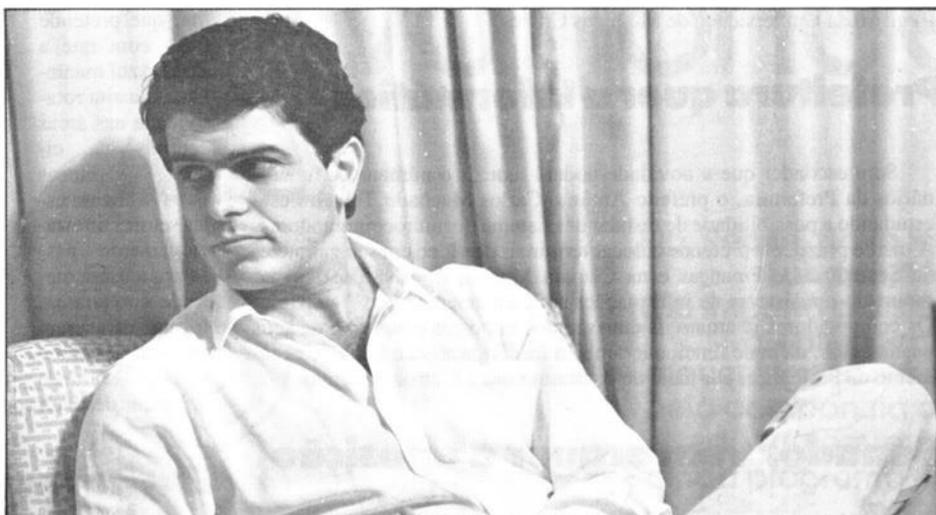
ROBERTO FEDER — Em primeiro lugar porque a empresa acredita no país, acha que deve reinvestir, procurar novos produtos e gerar novos empregos. Outro ponto é porque as máquinas de costura estavam com suas vendas caindo no mundo todo, resultado de vários fatores como a indústria de roupas prontas e a saída das mulheres do lar para empregos fora de casa. Assim, a diversificação surgiu normalmente e foi também um resultado do esforço para se substituir a importação.

ATO — Mas a máquina de costura ainda é o carro chefe da empresa?

FEDER — Ela foi. Hoje representa mais ou menos 40% das vendas dos nossos outros produtos.

ATO — E a crise?

FEDER — A Elgin está sofrendo o mesmo que todas as outras indústrias. A situação da nossa empresa é aquela de procurar sair da crise quando o país sair. Temos algumas regras, normas básicas que seguimos, certas formas de atuar que evitam problemas maiores. O importante é que aprendemos — e o aprendizado conti-



Feder: agora, novos caminhos

nua — a enxergar no escuro, pois convivemos com a incerteza, estamos vivendo sob um governo que solta mais do que um decreto lei por semana e que afeta não só a vida do cidadão como das empresas também. É isso: temos que administrar o dia-a-dia, não adianta fazer planos para o futuro.

ATO — Quais são estas regras básicas?

FEDER — Em primeiro lugar não tomar empréstimos bancários porque os que caem nesta situação ficam vulneráveis, contraem um câncer e esta doença, todos sabem, dificilmente tem cura. O importante também é tomar as decisões certas no momento certo.

ATO — A Elgin é uma indústria exportadora há muitos anos. Isto ajuda a combater a crise?

FEDER — A Elgin é exportadora com uma balança comercial positiva. Exporta para 35 países, mas estes países também estão enfrentando dificuldades, estão em crise, principalmente os da América Latina. É um caminho a mais e não a solução única.

ATO — E a entrada no mercado da informática, como foi?

FEDER — Hoje em dia as empresas estão sempre procurando reduzir seus custos de estrutura, precisam de informações para reavaliar a situação rapidamente e o instrumento para isto são os computadores. As impressoras matriciais fazem parte disso, é um mercado com muitas e inúmeras possibilidades de crescimento e como já possuíamos a ferramentaria própria para os moldes e as máquinas, a decisão veio fácil.

ATO — O mais novo produto da Elgin é o aparelho de ar condicionado. Quanto custou o setor da GE?

FEDER — Nós já fabricávamos desde 66 os compressores herméticos, que é uma das partes

do aparelho de ar condicionado. No final do ano passado houve a oportunidade de adquirir a fábrica completa desses aparelhos da General Electric, instalada em Santo André. Achamos que seria interessante e bom para nossa empresa o negócio e fizemos, sendo que ele girou em torno de US\$ 5 milhões de dólares, número que já engloba não só os equipamentos como as instalações e capital da empresa.

ATO — Agora vocês já estão colocando o Silent Line no mercado?

FEDER — A GE queria que alguém desse assistência técnica a todos os aparelhos de ar condicionado que ela já colocou no mercado e este foi o nosso primeiro trabalho: montamos uma rede em todo o Brasil para o fornecimento de peças e já lançamos, agora em julho passado, o Silent Line com um primeiro lote distribuído em Mogi das Cruzes e região, especialmente para funcionários e amigos. Agora em agosto ele já está em todo o mercado, totalmente fabricado por nós.

ATO — Além desta nova investida, a Elgin é uma das indústrias da região que começam a admitir funcionários?

FEDER — Nós estamos contratando pessoal. É a retomada da economia que começa e deve continuar. Acho que o pior já passou e estamos no caminho de um lento crescimento, mas precisamos de um governo que tenha credibilidade, que reconheça os erros do passado e que tenha autoridade moral. Com eleições diretas já tenho certeza que elegeríamos um governo com este perfil. Toda a sociedade brasileira está buscando um governo assim e o elegeria. Em tempo de crise é que se precisa de um governo forte e acho que cabe a um presidente da República orientar o país nesta situação. ●

Vanice Assaz

UMC na convenção de microfilme

A Universidade de Mogi das Cruzes vai participar da 9.ª Convenção Nacional do Microfilme e I.º Congresso Brasileiro de Organização de Sistemas e Métodos, de 14 a 18 de outubro, no Palácio de Convenções do Anhembi, em São Paulo. Trabalhando há mais de quatro anos nessa área e responsável pelo setor de microfilmagem da Universidade, o professor de Biologia Cláudio José de Mello Servo, 29 anos, apresentará, durante o evento, o trabalho "A microfilmagem no Departamento de Admissão e Registro da Universidade de Mogi das Cruzes".

Prefeitura quer a Informática

Sem esconder que a novidade poderá reduzir o número de funcionários da Prefeitura, o prefeito Antônio Carlos Machado Teixeira está estudando a possibilidade de instalar um sistema de microcomputadores. A médio prazo, ele pretende colocar terminais de vídeo em seu gabinete, na Secretaria de Finanças e na Câmara Municipal. "Não se tem no momento um sistema de informações suficientemente ágeis" - diz ele. Os computadores já atuam na emissão dos impostos e controle de seus pagamentos, além de funcionar também na dívida ativa e folha de pagamento da Prefeitura, por meio de contratos com a Eletron Sistemas.

Senador vem erguer a oposição

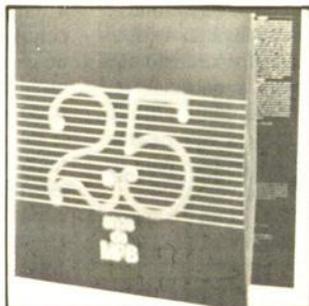
A visita do senador Fernando Henrique Cardoso a Mogi das Cruzes só deverá ocorrer depois que a disputa pela Presidência da República estiver bem definida. Apesar de ter sido anunciada como uma fórmula de reaglutinar o PMDB mogiano, esfacelado depois do escândalo do *Mogigate*, fontes do Diretório local informam que a visita de Fernando Henrique se prende somente às intenções do centro de estudos Pedroso Horta de centralizar, em Mogi das Cruzes, a discussão e a atualização da informação política de toda a região.

Lavando a roupa suja

Quatro dos cinco vereadores que compõem o chamado Grupo dos Cinco, de oposição ao prefeito, estiveram reunidos longamente no gabinete de Machado Teixeira, quando encurtaram um pouco a distância que os separava. Foi uma reunião descontraída - em determinada parte da conversa - e nesse ponto os convidados do prefeito tomaram uísque Buchanas e cerveja. Participaram Miguel Sanches, José Antônio de Figueiredo Caria, José Carlos de Souza e Cuco Pereira. O ausente: Romildo Campelo. "Foi uma lavagem de roupa suja. Falou-se muitíssimo do *Mogigate*", disse um dos vereadores. Não se sabe, ainda, se a alegre reunião vai significar uma adesão do grupo ao prefeito.

Aos 25 anos, o símbolo do galo

Além da visita de seus mais graduados diretores, vindos do Japão, as comemorações dos 25 anos de fundação de NGK do Brasil foram marcadas por uma ampla campanha publicitária cujo ponto alto foi a divulgação de sofisticado folheto de 20 páginas contando a história da indústria em Mogi das Cruzes e comparando-a aos tradicionais galos japoneses Onagadori, de longas caudas, cuja criação se faz com muita paciência e dedicação ao trabalho. Além disso, a



LPs para comemorar

empresa distribuiu um álbum com dois LPs ("25 Anos de MPB - 25 Anos de NGK"), onde estão registradas as gravações mais representativas de cada ano, desde 59, com o surgimento da Bossa Nova, até 1984, marcado pela música "Close", da dupla Roberto e Erasmo Carlos.

Zona Azul, agora mais fácil

Dentro do esquema, que pretende fazer com que a Zona Azul mantenha uma alta rotatividade nas áreas centrais da cidade, as moças que fiscalizam estes setores de estacionamento passarão a usar colete de cor laranja, forma de serem encontradas com mais facilidade pelos que desejam comprar os cartões de estacionamento avulsos.



Zona Azul, novo visual

Escritores mogianos unidos

Sem estatutos, atas, presidência ou mensalidades, já está funcionando a União Mogiana de Escritores, reunindo, a cada 15 dias, no auditório da Delegacia de Ensino, pessoas de todas as idades, de 14 a 60 anos que tem um ponto em comum: gostam de escrever. Com o cuidado especial de não cair no erro do elogio mútuo, que caracteriza a maior parte das entidades que congregam escritores, o método de trabalho da UME é o de oficina, no qual toda a produção de seus frequentadores é lida, discutida e analisada, explica a professora Therezinha Langlada, uma das integrantes da UME.

O PMDB de Mogi muda de sede

O Diretório Municipal do PMDB está novamente funcionando no escritório do advogado Rubens Nogueira Magalhães, seu presidente, no edifício da Drogasil. A sede, que foi instalada estrategicamente antes das eleições na Deodato Wertheimer, em frente à Madeireira Santana, de propriedade do deputado Jacob Lopes, ainda permaneceu no mesmo local após o *Mogigate*, mas agora volta para o escritório de Magalhães que garante: isso só ocorreu porque o contrato de locação terminou. O imóvel que abrigava a sede do Diretório, onde já está instalada uma loja, pertence ao mogiano Afrodízio Witzel, membro da família de Jacob Lopes.

Êxito no congresso de RH

Com o objetivo de incentivar uma conduta profissional voltada para a identificação das transformações do mundo atual e para a necessidade de "extrair lições e expectativas dos mais variados segmentos da sociedade, foi realizado nos dias 29 e 30 de agosto o 4.º Congresso Paulista de Administração de Recursos Humanos, numa realização da APARH - Associação Paulista de Administração de Recursos Humanos, presidida por Luiz Ciocchi, responsável por esta área de atuação na Açoes Anhanguera. Com êxito, o Congresso contou com a presença de Laerte Setubal Filho, presidente da Associação de Exportadores Brasileiros; Maria Cláudia Schmidt, da Fundação Tupy e Norberto Odebrecht, presidente das empresas que levam seu nome.

Quem consulta a Abite, vai longe.



ESTA CAIU DO CÉU!!
Em setembro, sua passagem
aérea vem com seis dias de
hospedagem gratuitos em hotel
quatro estrelas, com guia
turístico e passeios.

Rio, Recife, Nova Iorque,
Londres, Tóquio.
Não importa a distância,
a Abite leva você
a qualquer lugar do mundo,
pela companhia aérea
de sua preferência.
E ainda programa hotéis,
traslados,
prepara seu passaporte
e tudo
o que você precisar,
com a rapidez
e eficiência de quem
possui muita prática
e alto nível
profissional.
Agora, só resta
uma coisa:
aproveitar.
Portanto,
boa viagem!

ABITE *viagens e turismo*



Rua Siqueira de Moraes, 567 - Tels: 436-5946/5294 - Jundiaí - SP
Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 790 - Tels.: 469-1851/5649 - Mogi das Cruzes - SP



A sucessão em Mogi

Os vereadores mogianos, em sua maioria, estão no momento apostando em Tancredo para presidente

Sempre reservando surpresas, a Câmara Municipal de Mogi das Cruzes revela-se, por maioria simples, nesta época em que a presidência da República toma a atenção de todos os brasileiros, tancredista, demonstrando uma unidade partidária peemedebista há muito perdida.

Mesmo antes das convenções, que elegeram Maluf e ratificaram o nome do ex-governador mineiro para disputar a sucessão do presidente Figueiredo, os vereadores mogianos já tinham posições definidas, das quais não arredaram pé, apesar da vitória esmagadora de Maluf sobre Andreazza, fato que poderia levar a alguma modificação no plano de voo de alguns pedesistas. Isso não aconteceu.

Uma semana antes das convenções partidárias os peemedebistas não hesitaram em apresentar sua preferência pelas eleições diretas já, com exceção do vereador José Carlos de Souza

que, mais prático, marcou um "X" no nome de Tancredo Neves, dizendo não acreditar num pleito democrático para estas eleições presidenciais.

Preferências a parte, os peemedebistas unanimemente fecharam com Tancredo, alguns fazendo questão de explicar, como José Antônio de Figueiredo Cária: "Lamentavelmente, teremos de correr com Tancredo". Cuco Pereira acredita que "para retomarmos o processo, temos que entrar no jogo do inimigo", numa referência especial à aliança com a frente do PDS, enquanto Miguel Sanchez diz não engolir José Sarney e admite Tancredo como "mal menor e única condição contra Maluf". José Marcos Gonçalves, que na Câmara Municipal costumava-se aliar ao PDS, além de integrar o grupo de sustentação do prefeito dentro do Legislativo, tem esta posição: "Se não der diretas já, vamos tancredar já".



No PDS, os posicionamentos são diversos. Quatro dos oito pedesistas estavam e continuam com Paulo Maluf: Bento de Oliveira ("porque é paulista"), Olímpio Tomiyama ("o ex-governador tem a plataforma mais coerente com a atual situação do país"), Luiz Teixeira (há muito tempo engajado no movimento pró-Maluf e, agora, empenhado "em restaurar o prestígio de Maluf") e Francisco Bezerra (acha

estacionamento e lavagem



- estacionamento com seguro contra roubo e incêndio
- lavagem simples e completa
- troca de óleo
- coleta e entrega de veículos à domicílio

Rua Major Pinheiro Franco, 155
Rua Prof. Flaviano de Mello, 690
Tel. 469 6660

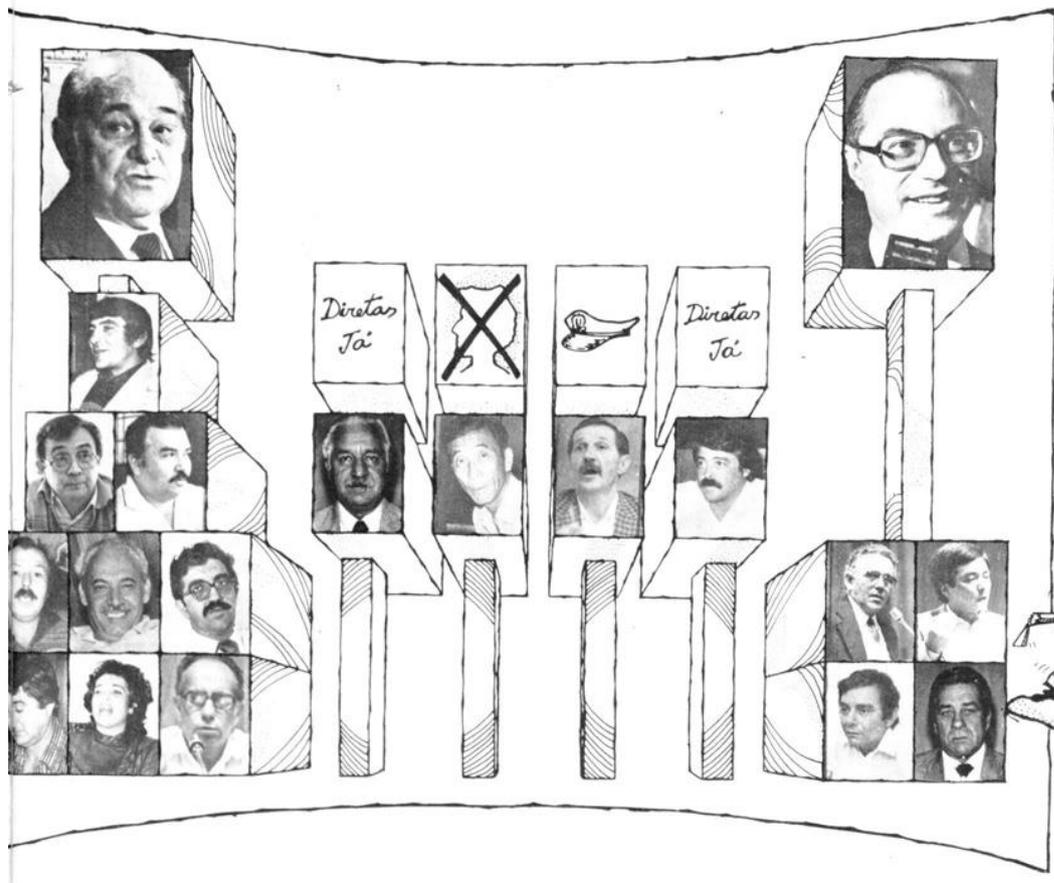
Dr. Roberto Luiz Leal

Urologia

Ex-médico residente do Departamento de Urologia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.

Moléstias dos rins - bexiga próstata - Doenças venéreas

*Consultório
Rua Carmela Dutra, 241 Tel. 469-9262
Estância - Mogi das Cruzes*



o ex-governador "a melhor solução").

Além dos quatro votos para Maluf, os vereadores mogianos do PDS têm dois para as diretas já: Luiz Beraldo de Miranda, que quer "o povo escolhendo para acabar com este jogo de interesses" e o de Norberto de Camargo Engelender. Este, apesar de ter tido seu nome incluído na lista dos que foram a Brasília torcer por Maluf na convenção, jura que não foi e culpa o companheiro Luiz Teixeira pela informação deturpada.

Dois outros pedessistas marcam-se pela originalidade de seus votos em relação aos demais: Sethiro Namie não quer se envolver "nesta confusão toda. Eu não vou votar mesmo!", enquanto o líder da bancada, Ivan Siqueira, também é categórico: "Eu não apoio nenhum

dos candidatos e nem as diretas já. Quero soluções já e acho que elas viriam com um militar honesto e inteligente, o único jeito de fazer com que a classe política marche unida."

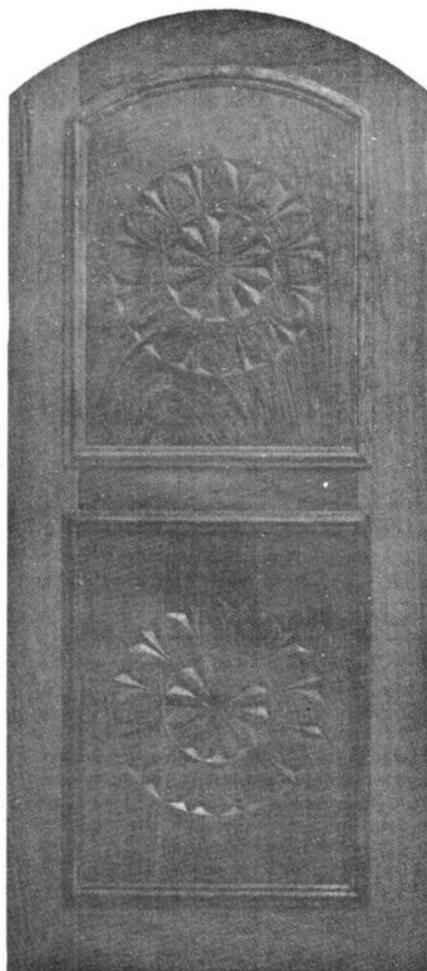
Você sabe o que há de comum entre estas duas portas?

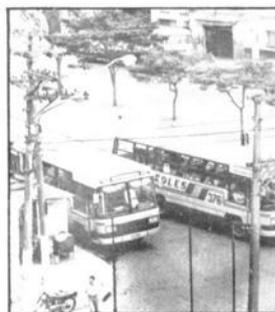
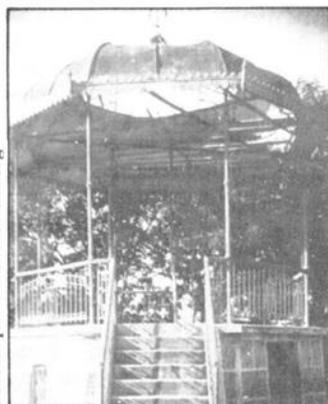
Não, não é este texto.
Muito menos a beleza, óbvia.
Mas sim a qualidade,
presença marcante da MAD MOGI.
Portas, janelas, vitraux e portões
nos mais variados estilos.
E para cada estilo, a MAD MOGI
oferece também ferragens,
madeiras, dormentes, assoalhos,
lenha para lareira, pranchas e
esquadrias especiais sob medida,
tudo em até 3 pagamentos sem acréscimo.

MARCENARIA PRÓPRIA

MAD MOGI LTDA.

R. Ipiranga, 1661 - Tel. 469-0316
Av. Fernando Costa, 699
Mogi das Cruzes - SP





Mogi, um mosaico de problemas, dificuldades e omissões. Mas todos a amam*

REPORTAGEM DE CAPA

Resistência heróica

O mogiano acha muito feia a sua cidade, conhece os defeitos e todos os pontos negativos. Mas não desiste: gosta de Mogi

Um retrato de Mogi das Cruzes ao completar 424 anos poderia começar por qualquer uma de suas ruas estreitas, o zoneamento caótico ou o Código de Obras inexistente. Esse retrato também não seria diferente se visto dos pontos onde a linha do trem apresenta diariamente espetáculos deprimentes de urbanismo – e da mesma forma não haveria mudança se a cena, por exemplo, fosse passada em meio ao seu trânsito – chacoalhando-se nas ruas de calçamento irregular, essa visão só seria um pouco tremida, nada mais.

Mas isso tudo não é novidade porque todos sabem que Mogi é uma cidade feia, mal cuidada e com duas vias de acesso ao seu centro dignas de tudo de ruim que se fala dela. Sabe-se ainda que seu clima não é nenhuma maravilha e que

nela não há praças e jardins capazes de amenizar tanta feiura. Por isso, ninguém se surpreende quando numa área pública chega para ficar tempo indeterminado um parque de diversões, que acaba sendo uma espécie de ponto de encontro dos bairros que têm muito menos do que isso.

Esse retrato mogiano também poderia começar pelos políticos e suas últimas atuações, quando a imagem da cidade foi grosseiramente atingida. Ou então por uma grande paixão da cidade, a ligação com o mar. Ela, no momento, ameaça desbarrancar por falta de manutenção. Diante de tudo isso e de mais uma centenas de fatores negativos, ATO saiu a campo para tentar mostrar que o mogiano, mesmo assim, mantém-se fielmente apaixonado por sua cidade. E

não errou. A repórter **Vanice Assaz** constatou, ao final de dezenas de depoimentos, alguns publicados a seguir, que os que chegam ficam, os que estão não saem mais, numa profunda demonstração de amor. Apesar de tudo.

* A igreja do Rosário e a fonte luminosa sumiram (1), mesmo destino dado à antiga Prefeitura (2), chácara da Ya-Ya Garcia (3), e coreto da praça Oswaldo Cruz (4). Felizmente restou o Teatro Municipal (5) e as igrejas do Carmo (6). Não há lugar para os ônibus (7) e os trens atravancam o centro além de enfiá-lo (8). Preocupa-se muito pouco com o passado e as tradições, tanto que o monumento aos imigrantes está na praça que homenageia os mogianos da FEB (9). Também não se cuida da paisagem: um parque de diversões ocupou definitivamente o Largo do Bom Jesus (10).



Reis: colcha de retalhos

Mogi das Cruzes é uma cidade com enorme falta de recursos, falida e piorando pela atual falta de colaboração dos governos estadual e federal. Aqui faltam jardins, há muitos buracos; é uma cidade feia e precisa melhorar o trânsito, construir calçadas. Com quatrocentos anos, Mogi é uma verdadeira colcha de retalhos, onde vemos prédios coloniais ostentarem placa japonesa, por exemplo. Penso que poderia se tornar muito melhor a partir de uma urbanização na área central, com ruas exclusivas para pedestres e bastante verde. Mesmo gostando de morar aqui reconheço que se trata de uma cidade estéril, sem vida. **João Manoel dos Reis, diretor da Dresser.**

Gosto muito de Mogi mas tenho de reconhecer que ela não é bonita. Precisava de novas avenidas no centro, como a Narciso Iague, que leva todo o movimento noturno para os lados da UMC, além de necessitar de dois viadutos para resolver o grave transtorno do trânsito na área de manobra dos trens. No campo das diversões deveríamos contar com um time na Divisão Especial de futebol. Mas o que eu gosto mesmo é do povo de Mogi. **Sidney Sanchez, motorista de táxi.**

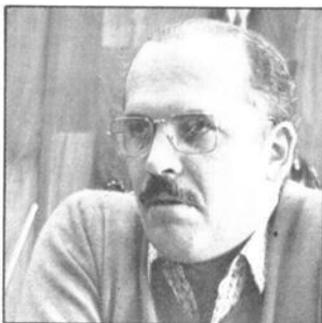


Holme: um desafio

Embora tenha um centro universitário, Mogi não apresenta vida acadêmica, intelectual. As universidades não se abrem para a comunidade, não sei se por culpa dos alunos que vêm de fora ou por falta de iniciativa delas ou da comunidade. Apesar de próxima a

São Paulo, com vida econômica razoável, é provinciana no seu espírito e em vez de estar aberta a uma série de discussões está fechada. Enquanto as coisas estão fervilhando lá fora a cidade está mais preocupada com problemas familiares, pequenos. Fico em Mogi porque acho um desafio — não gosto do clima, desse espírito provinciano, mas me excita essa luta para tentar abrir alguma coisa aqui. **Oscar Holme, diretor da Delegacia Regional de Ensino.**

Aprecio a cidade por seu grau de hospitalidade e acredito que seu maior problema é a falta de empregos, consequência do pequeno grau de industrialização. Outra questão séria é a da criminalidade, aspecto que não é privilégio nosso mas que está intimamente ligado ao desemprego. Falta também mais atenção ao esporte e um número superior de creches. **Humberto Rosa, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos.**



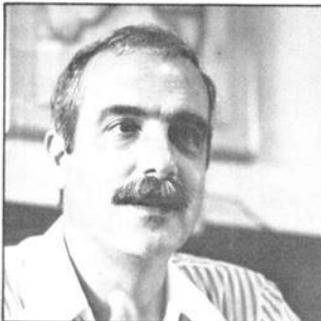
Machado: cidade tranqüila

Mogi é uma cidade relativamente tranqüila, sem problemas graves de favelas e contando com rede de saneamento básico acima da média normal. Possui um conjunto de atividades econômicas razoavelmente equilibrado, e não é uma cidade que dependa de uma só atividade. Há problemas a serem resolvidos, como o tráfego pesado no centro e a canalização do rio Negro, os transportes coletivos e melhoramentos em vários bairros. Não me falta nada nesta cidade — o que faltava, desenvolvimento cultural, nós trouxemos. Eu não saberia viver em outro lugar. **Antônio Carlos Machado Teixeira, prefeito.**

Não tenho dúvidas: é uma cidade conservadora, o que é diferente de tradicional. Conservadora e por isso moralista, falsamente moralista por culpa dos que a comandam. Assim, o povo acaba assimilando isso e perde sua identidade, aceitando o que é imposto. Quando surge algo novo

ele entra em conflito e acaba adotando a postura da elite. Politicamente Mogi vai-se perdendo e a nível cultural não tem todos os espaços preenchidos. Há tentativas, mas sempre propostas para a elite. É preciso aproveitar os bairros e o povo, que é lúcido por excelência, mas que está esquecido. **Mara Regina Aparecida Vidal, universitária e membro da Pastoral da Juventude.**

Não se trata, certamente, de uma cidade bonita, pois faltam ruas largas e asfalto, mas acho que é mais fácil viver aqui do que no Rio, onde nasci: em Mogi posso andar na rua. **Altamiro de Oliveira Júnior, estudante secundário.**



Mossri: ruas para pedestres

Mogi é uma cidade feia como sempre foi, com entradas horríveis e muitos problemas para resolver. Ela quer crescer com suas indústrias e não pode — há a questão dos mananciais bloqueando o progresso. Apresenta um zoneamento terrível, que também a cerceia, e ainda apresenta crescimento desordenado e galopante. Na minha opinião, é preciso resolver rapidamente o assunto da circulação na área urbana, com novo terminal ferroviário e rodoviário; estimular o uso de ruas centrais para pedestres e eliminar a expansão urbana nas zonas rurais. Aqui, as coisas são feitas pensando-se no ano seguinte — é preciso planejar para 20, 30 anos. **José João Mossri, arquiteto.**

O nosso grande problema é o de ser fim de linha de subúrbio, o que faz com que a cidade receba pessoas indesejáveis. Aqui faltam cinemas, restaurantes variados e lugares para se passear. Mas é uma cidade que abriga meus amigos e filhos — sua característica mais marcante é o povo. É um local feio, cheio de buracos, tem ruas estreitas, construções velhas e mal cuidadas, além de um centro antigo que dá a impressão de sujeira. Mas é onde eu gostaria de morrer. **Mário Kauffman, advogado.**



Vera: mais árvores

Eu gosto desta cidade mas acho muita falta de diversões, de bons cinemas, assim, quando posso saio para aproveitar essas coisas. Acho que Mogi está ficando bonita, especialmente para os lados das universidades, e o centro cada vez pior. Apesar disso, precisávamos mesmo é de uma rodoviária, cartão de visitas de qualquer lugar. Faltam também árvores. Eu não sairia daqui, não me iria acostumar em outra cidade. **Vera Lúcia Mello, comerciante.**

Vejo Mogi como um centro em ebulição por causa do aflu da juventude. Jovens trazem idéias novas e acredito que as universidades conseguem agir a longo prazo em cima da sociedade. Os filhos daqui foram fazer cursos superiores e vão devolver isso em idéias novas, possibilitando confrontos enriquecedores. Adaptei-me muito bem na cidade devido às suas características de Interior, com as pessoas apoiando-se mais, apesar de achar que a melhor virtude é a proximidade a São Paulo. **Ivone Marques Dias, professora universitária.**



Conceição: muitos carentes

Acho que depois da vinda dos estudantes, Mogi ficou menos humana, pois as pessoas de fora não têm porque preservar uma cidade que não é sua. Faltam creches, o número de carentes é enorme. Confesso: acho muito bom morar aqui. **Conceição Costa, presidente da Associação Mogiana das Empregadas Domésticas.**

METROPOLITANA FM

STEREO



MOGI DAS CRUZES

**Nunca se falou com tantos,
em tão pouco tempo.**

Vacina de borracha

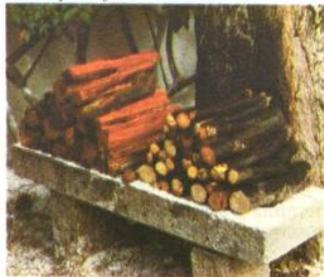


O Roma I - lavagem e lubrificação - presta agora um novo serviço: o emborrachamento de automóveis. Só, que com uma grande diferença: a aplicação da borracha é feita a jato de alta pressão, o que garante uma perfeita aderência nas partes expostas do seu carro (em geral a parte inferior). Ao contrário da aplicação convencional a pincel, cuja tendência é desprender-se com o passar do tempo, este sistema lhe dá total segurança na conservação do seu veículo, protegendo-o principalmente contra a corrosão, além de ser um excelente vedante e anti-ruído. Apesar do momento ideal para se fazer esta aplicação ser ainda com o carro inteiramente novo, nada impede que você também a faça nos já usados, pois antes da aplicação as partes passam por

uma rigorosa limpeza eliminando a ferrugem existente. Agora, preste muita atenção se você, habitualmente ou não, vai à praia ou anda por estradas de terra, seu carro deve ser protegido imediatamente. Estes fatores são os principais contribuintes do processo corrosivo. Roma I fica à Rua Ipiranga, 1271, fone 469 5894, em Mogi.

Lenha natural

Neste inverno, nada melhor que o aconchegante calor de uma lareira na tranquilidade do seu lar. E, para não quebrar o toque original, você deve usar lenha de origem nativa, pois ela lhe proporciona um alto rendimento, grande poder calorífico e baixo custo. Pedidos e entrega a domicílio, pelo fone 468 3021.



Sauna Campestre

Hábito ou não, o uso das saunas tem se tornado, a cada dia, mais freqüente. Seja pelo simples prazer ou por cuidados com a saúde, esta prática é de fundamental importância para o bem estar do corpo. A **Sauna Campestre**, novo balneário a dois quilômetros do centro de Biritiba Mirim, tem agradado, de modo geral, antigos e novos freqüentadores das saunas. Instalado em local privilegiado, oferece as saunas seca e à vapor com fornos a lenha, um bar, ampla sala de repouso com vista para a bela paisagem que só a natureza proporciona e uma piscina ao ar livre. Ambiente de primeira qualidade, a **Sauna Campestre** funciona, para homens, às 3.^{as} e 5.^{as} das 18 às 23 hs., às 4.^{as}, 6.^{as} e sábados das 15 às 23 hs. e

aos domingos das 15 às 18 hs. Para mulheres, às 3.^{as} e 5.^{as} das 14 às 18 hs. e aos domingos das 09 às 12 hs. É fácil chegar lá. Informe-se no centro de Biritiba ou oriente-se pelas placas indicativas. O telefone para informações e recados é 462-1380. Enfim, agora bem mais perto de nós, todas as delícias de uma **Sauna Campestre**.



Longa vida

Manter seus aparelhos eletrodomésticos e ferramentas elétricas em bom funcionamento e proporcionar-lhes maior durabilidade implica na manutenção especializada. A **CONSERTEC - Assistência Técnica Autorizada da Black&Decker, Braun, Bosch, Fein, Pandora e muitas outras, trabalha somente com peças originais de reposição e profissionais de gabarito, prestando serviços de alta qualidade, com garantia e confiabilidade. Orçamento sem compromisso. Rua Cel. Moreira da Glória, 203, fone 469-5304.**

Economia até debaixo d'água

Chegam, a Mogi, os serviços da **Obranova Comercial e Construtora Ltda.**, firma especializada que adaptou a tecnologia finlandesa de argamassa armada para a construção de piscinas, com comprovada eficiência já há dez anos no Brasil. Este sistema exclusivo consiste em placas pré-moldadas de concreto protendido, telado e vibrado na espessura de 18 milímetros (usa-se a elasticidade das placas como fator de resistência, e não a dureza do concreto armado fundido em

loco que está sujeito à trincas de várias origens). Com acabamento em epoxi, permite a troca de pintura (opcional) sempre que se desejar e substitui com vantagens o uso de azulejos, que em pouco tempo sofrem fissuras naturais e inevitáveis em seu rejuntamento. A **Obranova**, além de fornecer todo o material necessário para a construção da piscina, responsabiliza-se, inclusive tecnicamente, por todo o projeto e execução. Vale frisar, que todo o processo envolve tecnologia

especializada, seja no projeto, escavação ou acabamento. O sistema dispensa por completo a atuação dos vários profissionais ligados à área, tais como carpinteiros, ferreiros e azulejistas, etc, que nas piscinas convencionais são insubstituíveis. Com tudo isso, sua piscina, do projeto à execução, fica totalmente pronta para uso, inclusive com hidráulica, elétrica e todos os equipamentos, em prazo consideravelmente menor que o habitual, apresentando, ao mesmo tempo,

indiscutível economia, sem prejuízo do desempenho, estética ou qualidade. A **Obranova** garante toda a sua piscina contra vazamentos de quaisquer natureza, durante cinco anos e, garante ainda todo o equipamento, também fornecido, por um ano. O pagamento é facilitado, o orçamento sem compromisso. Solicite um representante pelos fones 468 2689 ou 468 3021 e sinta, já no próximo verão, o prazer e a comodidade que uma piscina em sua casa pode lhe proporcionar.



As razões da queda

O ex-secretário da Agricultura conta como foi sua passagem na Prefeitura. E diz porque caiu

Pouco depois de assumir a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, em maio de 83, o engenheiro agrônomo Luiz Fernando Mattos Pimenta, 34 anos, começou a perceber que não seria nada fácil tocar o setor, onde de início deu voz aos agricultores e deixou que eles indicassem suas prioridades. Esse tipo de conduta incomodou e logo abriu-se forte ofensiva contra o secretário por aqueles que se sentiram prejudicados ou deslocados de suas posições anteriores. Além disso, alimentou-se entre certos vereadores a suposição de que Pimenta estava plantando a semente que germinaria numa vaga na Câmara nas próximas eleições, aliás bem distantes, em 1988, ou seja, daqui a quatro anos. O agrônomo foi em frente e até chegou a viver de franco otimismo, alguns deles quando o prefeito o identificava como "a consciência crítica" do seu governo. No dia 9 do mês passado, depois de enfrentar mais um dos rotineiros períodos de crise, o secretário encontrou sobre sua mesa a portaria que o exonerava do cargo. Explicando depois a demissão, o prefeito diria que Luiz Fernando Mattos Pimenta saíra por "problemas políticos". Mais: a indicação de seu tio, Newton Straube, ex-presidente da Codemo e sem nenhuma intimidade com o setor, tinha como objetivo a "agilização do trabalho".

ATO – Quais foram os motivos de sua queda?
PIMENTA – Acho que há alguns pontos a serem apontados: em primeiro lugar vim para cá como técnico, e cheguei na fase que chamo de segunda geração do secretariado municipal, formada por recursos humanos vindos de fora e que causava descontentamento, provado até por um ofício de vereadores, de caráter suprapartidário, que apontava a não aceitação dos "estrangeiros". Cheguei como técnico e comecei a agir, primeiramente ouvindo opiniões sobre meus planos de trabalho junto a sindicatos ligados ao setor, demonstrando meu pensamento de que a Secretaria não é órgão de assis-



Pimenta: "Consciência crítica"

tência e sim de planejamento.

ATO – Por que uma atuação democrática traria problemas?

PIMENTA – Ela assustou determinados setores da classe política, aqueles que se julgam donos da cidade. Consegui muita participação e reconhecimento dos setores de produção, comercialização e consumo – área que precisa se unir no meu entender – e isto, aliado à minha participação ativa pelas eleições diretas chegou a assustar alguns segmentos, talvez preocupados com minhas supostas aspirações políticas. Afinal, estava atuando numa área com a qual quase ninguém se preocupa.

ATO – Os problemas começaram quando?

PIMENTA – Acho que marcadamente com a criação da Patrulha Rural, surgida para a conservação das estradas rurais, cujos trabalhos eram centralizados semanalmente nos bairros, uma semana para cada um, seguindo prioridade julgada pelos produtores. Ela começou a funcionar em outubro de 83 e foi a partir daí que os vereadores, de uma maneira geral, sentiram-se

prejudicados e até fizeram um movimento para que a Patrulha saísse da Secretaria da Agricultura e passasse para a de Obras, mais indicada, no entender deles, para apontar as prioridades, embora estas fossem apontadas pelos agricultores, que melhor conhecem seus problemas.

ATO – E o comportamento do prefeito?

PIMENTA – Ele sempre prestigiou nossa programação e endossou a forma de participação também, mas a coisa começou a se complicar a partir das pressões que já existiam antes do *Mogigate*, mas que se agravaram muito depois, já que mudou a sustentação política do prefeito, que antes era do PMDB e se inverteu.

ATO – Ele comentava as pressões que sofria?

PIMENTA – Em março deste ano ele começou a me alertar. Falava que eram pressões de fora e citava argumentos como críticas da colônia japonesa, vaidades pessoais, mas dizia que eram fatos que ele neutralizaria. Depois do Carnaval, ainda em clima de *Mogigate*, me chamou atenção a queda do Acácio Yamada, que o prefeito insistiu sempre em afirmar que não era política e sim por causa do Carnaval. Como continuei com apoio das áreas em que atuava, prossegui. Acho que depois do *Mogigate* minha demissão e a do Acácio fizeram parte de um acordo, e a minha não ocorreu antes por outros motivos.

ATO – Quais são estes motivos?

PIMENTA – Porque eu era um bom canal com o secretário dos Transportes da época, o Horácio Ortiz, um amigo e também sou amigo do José Gomes da Silva, ex-secretário da Agricultura. O que acontecia? Havia interesse de se entrar em contato com a área estadual, fato difícil depois do escândalo, e interesse na pavimentação da SP-39 e no convênio do Centro de Pesquisas de Cogumelos. Eu era um secretário extremamente útil, sabia disso e de que além do meu trabalho, que julgava importante, tinha a importância de abrir as portas. Acho que depois que o convênio foi assinado e o secretário dos Transportes não era mais o Ortiz o caminho ficou aberto para minha exoneração.

ATO – A demissão veio sem sinais, sem alerta?

PIMENTA – Eu conversava muito com o vereador Ivan Siqueira e ele sempre me disse que eu era um ponto positivo para a imagem da administração. Na véspera da assinatura da portaria ele já começou a falar nas pressões por parte da colônia japonesa e também que havia um problema familiar do prefeito, pressões familiares exigindo a recolocação do Newton Straube na administração.

ATO – O que você conversou com o prefeito antes e depois da exoneração?

PIMENTA – Antes, na segunda-feira, dia 6, ele me disse que as pressões eram muitas mas que teria uma reunião com seu grupo de sustentação naquela noite e falaria comigo novamente. No dia seguinte sei que alguns vereadores acharam que eu deveria permanecer, chegando até mesmo a sugerir que eu fosse mantido mas em outro cargo, como o de diretor. Não conversamos mais até na quinta-feira, dia 9, quando fui me despedir e solicitei que os termos da portaria fossem retificados, pois constava nela que eu havia solicitado a demissão. Ele me disse que era uma maneira educada e eu afirmei que preferia que a exoneração fosse feita de acordo com os fatos e não com as boas maneiras.

Vanice Assaz

Dr. Rafael Benedito Russo

CRM 18.493

Clínica de Crianças

Especializado em Pediatria pelo Hospital São Paulo da Escola Paulista de Medicina. Título de especialista pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Pediatria

Consultório
Rua Carmela Dutra, 241
Tel 469-9262

Residência
Rua José Urbano Sanchez, 1.028
Vila Oliveira Tel 469-6912
Mogi das Cruzes



José Maria e Rodrigues: outro tempo



Colela (em pé, à esq.): chefe Ubirajara



Yamada e José Carlos Limongi, já falecido

ESCOTISMO

Mantendo o alerta

O escotismo, criado em Mogi no final dos anos 40, perdeu um pouco de sua força, mas ainda resiste

O escoteiro tem uma só palavra: sua honra vale mais que a própria vida. Essa é uma das dez leis que disciplinam a prática do escotismo em todo o mundo e um dos primeiros ensinamentos passados aos garotos, que ingressam na corporação, em busca do convívio social, ou apenas de novas aventuras e emoções. Baseado nas técnicas de sobrevivência em situações adversas, e nos princípios morais e cívicos, o escotismo, instituído no Brasil em 1912, chegou a Mogi das Cruzes há 36 anos pelas mãos do professor alemão Rodolfo Melhmann, fundador do Grupo Escoteiro Ubirajara, hoje dirigido por João Francisco de Melo Colela.

No escotismo, o jovem passa por três estágios básicos: aos 7 anos, como lobinho; aos 11 estará graduado e escoteiro junior; e, finalmente, após os 15 passará a senior, onde "deixará de lado as brincadeiras e se ocupará de coisas sérias", resume João Francisco. "A presença de rapazes e adolescentes na categoria senior - explica o chefe escoteiro - empresta-lhe um ar de aventura e riscos, presente nos acampamentos, jogos e responsabilidade."

Em Mogi, a prática do escotismo teve seu tempo áureo nas décadas de 50 e 60, quando existiam vários grupos, integrados por garotos que atualmente ocupam cargos públicos e posições de destaque na comunidade, como por exemplo o prefeito municipal, Antonio Carlos Machado Teixeira. Entre 1951 e 57, ele integrou a Patrulha Cão, praticamente por imposição da família. Afinal, explica o prefeito, era comum "os pais da classe média terem seus filhos no escotismo". Estabelecendo um paralelo com o sistema militar, Machado relembra com saudade as marchas, desfiles e a disciplina recebida naquele tempo. Opinião idêntica tem o ex-secretário de Esportes e Turismo do município, Aécio Yamada, monitor da Patrulha Andorinha entre seus 12 e 17 anos. Desta época, ele traz a

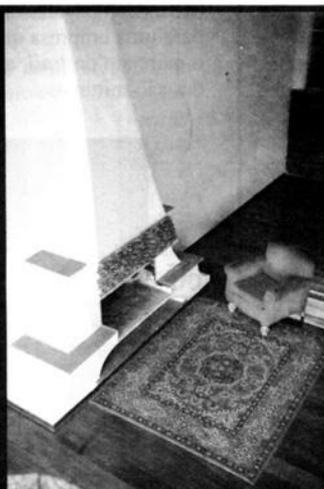
boa lembrança de seu amor pela cozinha.

No entanto, o movimento foi-se esvaaziando com o passar dos anos, para lamentação de Joaquim Rodrigues Filho, proprietário da Rig Moda Masculina e ex-escoteiro. Seguindo sua própria interpretação, esse esvaaziamento deve-se, principalmente, à mu-

dança dos conceitos sociais. "No nosso tempo, era importante ser escoteiro. Hoje, o jovem se liga em outras coisas. A cabeça é outra", define Joaquim.

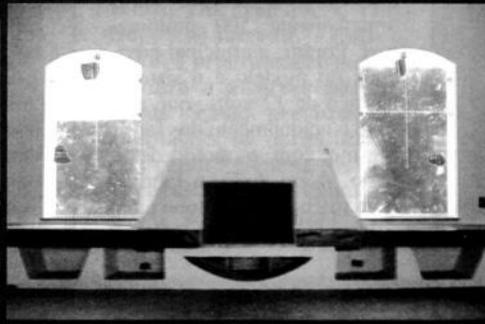
Muito antes de se preocupar com sua carreira judiciária, o juiz de direito da 1.ª Vara Criminal de Mogi das Cruzes, Diomar Ackel Filho, vestiu calças curtas e cumprimentou seus companheiros com os dois dedos na testa. Saudoso, ele recorda os acampamentos e expedições pelas matas mogianas atribuindo a esta época os momentos "felizes em que convivíamos em harmonia e conagração permanentes". Para o juiz, os ensinamentos escotistas permanecem até hoje. Com satisfação, ele relembra o lema fundamental da corporação: "Ser sempre fiel, servir à comunidade e estar sempre alerta".

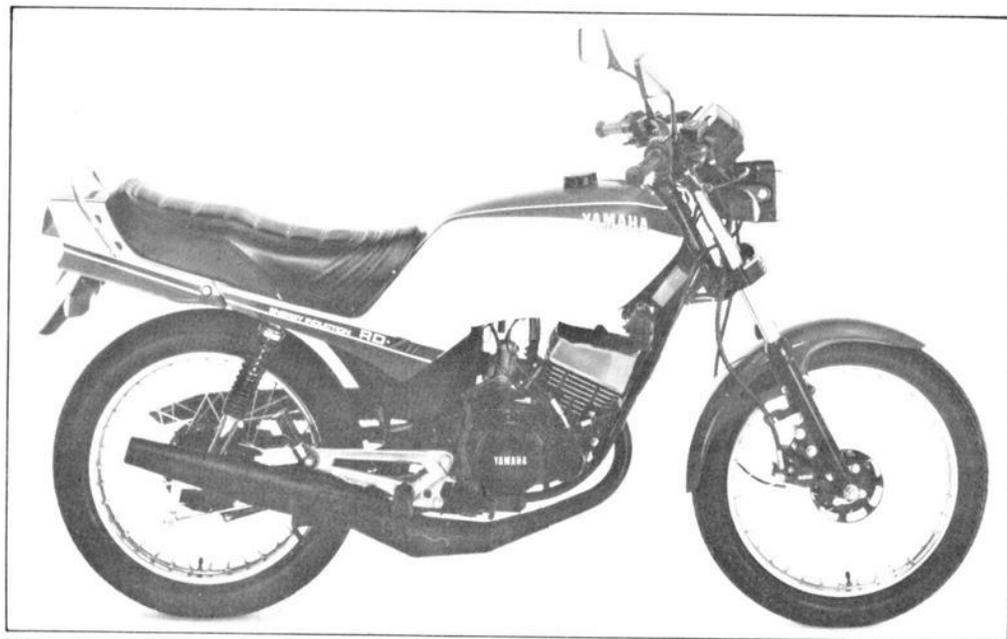
Denise Caboclo



DIG JAYME

**LAREIRAS • CHURRASQUEIRAS • ACESSÓRIOS
PROJETOS PERSONALIZADOS • EXECUÇÃO
TEL. (011) 468 3021 • MOGI DAS CRUZES • SP**





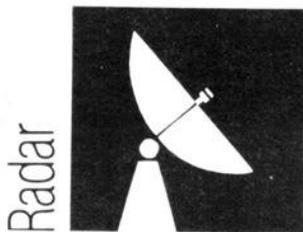
Yamaha: mais uma vez, lançamento inoportuno



Yamaha: modelos antigos

A Yamaha sempre pecou pelo inoportunismo de seus lançamentos. Enquanto a concorrente Honda colocou recentemente no mercado a XL 125 S, que, apesar do preço elevado, apresenta inúmeras novidades, a Yamaha contra-atacou com modelos antigos em nova embalagem. A RD-Z II, um luxo na categoria de 125 cilindradas, vem agora com tanque para 16 litros de combustível, que significa uma autonomia de aproximadamente 500 quilômetros. Porém, a principal novidade do modelo é o sistema elétrico de 12 volts, que permite o acionamento dos faróis mesmo com o motor desligado. Além disso, a fabricante trocou todo o globo ótico (vidro, lâmpada e refletor)

proporcionando maior alcance direto e maior amplitude lateral do feixe de luz. Outro modelo adaptado é a DT-180 L, que possui praticamente as mesmas alterações feitas na RD-Z II, como o sistema elétrico de 12 volts. No mais, para uma empresa que iniciou o mercado de *trail*, as novidades são mínimas.



O diário de "Che", em Londres

Us diários de Ernesto "Che" Guevara e de seu lugar-tenente, Harry "Pombo" Vilegas, foram localizados, recentemente, em Londres, Inglaterra. Com o achado, o ex-coronel Carlos Mena Burgos passou a ser acusado de roubo e, posteriormente, venda ilegal dos livros à casa de leilões londrina Sotherby's, já que o

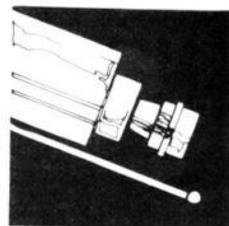
antigo militar era diretor do serviço secreto do Exército, de cujos cofres desapareceram logo após o embargo de um leilão pela Justiça Britânica. Na Bolívia, o presidente Hernán Siles Zuazo deve acatar sugestão do Exército e tentar o resgate judicial dos documentos. Para isso, seria utilizada uma verba de 100 mil dólares (perto de Cr\$ 220 milhões).

♦ A apresentadora de televisão Hebe Camargo recebeu um convite da revista "Statius" para posar nua, por um cachê de Cr\$ 50 milhões. Com 55 anos de idade, Hebe acredita que as fotos podem "dar uma força às cinquentonas que se julgam acabadas". Meio relutante, ela tem o apoio do marido e do filho, desde que as fotos sejam discretas.

♦ Com o nome de Gyroscan, a Philips está fabricando um aparelho para diagnóstico baseado nas imagens por ressonância nuclear magnética. Ele funciona com um potente, mas inofensivo, campo magnético e sinais de rádio-frequência, que capta imagens precisas dos órgãos internos como o cérebro, medula espinhal e tecidos moles. O método IRM é mais sensível que os convencionais por raios X e, com maior precisão que

os feixes ultra-sônicos, permite diagnosticar tumores e outras anormalidades dos tecidos em seus estágios iniciais.

Video

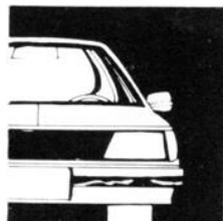


No cassete, filmes legendados

Após a assinatura de um novo acordo regulamentando o mercado nacional de videocassetes, restam poucas fitas com legenda, ainda guardadas à espera de seus lançamentos. Uma delas é "Brass Target", um drama sobre o sequestro de um trem alemão carregado de ouro durante a 2.ª Guerra. Com Sophia Loren e John Cassavetes nos papéis centrais, o filme narra as peripécias do sequestro, a começar pelo planejamento do golpe pelo Exército norte-americano que não consegue, depois, encontrar o trem, tendo de enviar o general Patton para investigar o caso. A outra fita, de atores e diretores desconhecidos, chama-se "Enigma". Nos moldes da espionagem, o locutor de uma rádio pirata francesa descobre que a União Soviética pretende assasinar vários dissidentes russos e vai para a Alemanha Oriental com a missão de roubar uma peça chave do computador soviético que guarda os nomes dos perseguidos.

♦ A Dama do Lotação, filme do diretor Neville de Almeida, lançado nos mercados estrangeiros com o nome de "Lady on the Bus", só agora chega aos espectadores nacionais de videocassete. No entanto, como todos os filmes brasileiros de sucesso, primeiro é lançado fora do país e depois aqui, dublado em inglês.

Carros



Suspense. E chega o Uno

Mais uma vez a Fiat brasileira coloca grande expectativa para o lançamento de um novo modelo de carro. Tal como aconteceu com o Oggi, no ano passado, a indústria fez muitos mistérios antes de apresentar o novo carro no mercado, o Uno, bastante semelhante ao modelo europeu, e que está sendo comercializado desde a segunda quinzena de agosto. Em três modelos (S, CS e SC), o Uno terá motor de 1050 a gasolina ou 1300 a gasolina ou álcool, câmbio de quatro ou cinco marchas e mecânica semelhante aos outros veículos fabricados no Brasil pela Fiat. Possui boa visibilidade e ótimo desempenho na estrada, sem perder a economia e a versatilidade características no trânsito urbano.

♣ A Volkswagen já deu nova investida no mercado com o Passat GTS Pointer, com motor 1.8, idêntico ao do Santana, que na versão álcool, desenvolve 92 cv, com elevado torque a médias e baixas rotações, capaz de acelerar o carro de 0 a 100 quilômetros em apenas 11,4 segundos. Na parte interna, apresenta assentos individuais Recaro, anatômicos com regulagem de altura para o motorista, banco traseiro com apoio de cabeça e descansa-braço central escamotável. Vem ainda equipado com volante esportivo espumado, rádio AM/FM estéreo, cintos de segurança automáticos com duplo travamento, conta-giros no painel e um console com instrumentos comple-



Mustang Ghia Vignale: um turbo de quatro cilindros

mentares (vacuômetro, voltímetro e relógio análogo de quartzo).

♣ No mercado europeu de veículos, a sensação do momento é o Mustang Ghia "Vignale", um carro ainda não fabricado em série. Possui sistema de tração nas quatro rodas tipo "Ferguson", de engate permanente e foi baseado no modelo Mustang SVO, fabricado nos Estados Unidos, com motor turbo CHC de 4 cilindros, aerodinâmica avançada numa carroceria de três portas e acomodação para

quatro pessoas. Uma grande área envidraçada permite ótima visibilidade, em todas as direções, janelas fixas com pequenas aberturas, somente para o contato do motorista com o lado externo do carro.

♣ Com uma versão militar, a Engesa passou a fabricar o seu jipe 4x4, entrando no mercado dos veículos fora-de-estrada. No salão do automóvel, em novembro, a empresa lançará o modelo civil que estará, um mês antes, participando do Rallye Transchaco, no Paraguai.



Passat GTS Pointer: motor do Santana

Empresas



Os 25 anos da Globo. Com rock

A Rede Globo de Televisão já está anunciando, como parte de uma programação especial em comemoração aos seus 20 anos de existência, um grande festival de rock numa área próxima ao autódromo de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Esse festival será realizado no início de 1985 e tem como certas, além dos grupos nacionais, as presenças de Queen, James Taylor, George Benson, Men at Work, The Pretenders, The Gogo's Al Jarreau. Entretanto, a programação não se limitará a atrações estrangeiras. Estão previstas as adaptações de obras literárias como "Grande Sertão, Veredas", de Guimarães Rosa, e "O Tempo e o Vento", de Veríssimo.



Mônica: entre o vôlei e o futebol de Casa

Jogadora da seleção de vôlei do São Paulo Futebol Clube e aluna do 2.º ano de Educação Física da Universidade de Mogi das Cruzes, *Mônica Feliciano*, uma santista de 18 anos, não gosta quando a identificam como a namorada de Casagrande, o centroavante do Corinthians agora emprestado ao São Paulo F.C.. O sonho dessa exótica morena que estuda em Mogi por acaso, pois só veio acompanhar uma amiga que ia fazer vestibular e acabou inscrevendo-se e conseguindo o 31.º lugar, era ser veterinária, desejo que abandonou definitivamente. Vai dedicar-se à fisioterapia e psicologia infantil, além do esporte, é claro, já que tem compromisso com o São Paulo, clube que a contratou depois de assisti-la jogando pela seleção paulista universitária. Quanto a Casagrande e a possibilidade dele ainda ser vendido para algum clube do Exterior é um assunto que não a assusta. Ela explica: "A gente já conversou sobre isso e chegamos à conclusão de que somos muito jovens e eu ainda tenho muito a fazer por aqui. Ele vai, se for o caso, e depois vemos como é que fica" – encerra Mônica.



Silveira e Mattos: piscina aquecida e vez dos bebês

Os professores de Educação Física *José Roberto Fonseca Mattos*, 27 anos, *Roberto Luis Siqueira da Silveira*, 20, e *César Cardoso Siqueira*, 24, ampliaram sua idéia inicial de montar uma escola de natação e idealizaram a Viva Bem, uma academia com cursos de ballet, ginástica olímpica, sapateado e jazz. Segundo José Roberto, ex-campeão brasileiro de natação, pelo Clube Náutico Mogiano, e que

divide seu tempo entre a academia e aulas de natação no Clube Mirambava, em Suzano, em breve, com o aquecimento da piscina, será criado um curso ainda inédito em Mogi, o de natação para bebês. Além das saunas a vapor e seca, a Viva Bem tem cursos de caratê, capoeira e condicionamento físico, para homens, e ginástica, estética, ballet clássico e moderno, jazz, sapateado, ioga, ginástica de gestantes e capoeira, para mulheres.



Steolla: 30 dias para pagar

Atuando há oito anos no comércio farmacêutico, Alberto Steolla Júnior, 25 anos, conhece bem o setor e suas dificuldades, principalmente o alto custo dos medicamentos. Foi pensando nisto que ele adotou em suas duas farmácias um cartão de crédito oferecido a clientes especiais, geralmente antigos fregueses da casa, ou a compradores apresentados por pessoas que já possuem os cartões distribuídos por ele e seu sócio, Rogério Velasco.

Funcionando como um cartão de crédito convencional, o da Droga D'Ouro oferece as vantagens do pagamento num prazo de até 30 dias após a compra. O sistema abrange desde medicamentos até aplicações a domicílio, passando por cosméticos e produtos de perfumaria. O cadastro dos cartões e os dados sobre cada um dos clientes são arquivados com o auxílio de um minicomputador CP-500, cuja memória guarda, hoje, informações relativas a 350 cartões de crédito, fornecidos desde o início do ano.

Para seu criador, o cartão possibilita maior atenção e atendimento personalizado a quem vai à farmácia, um local onde "as compras deveriam ser feitas com cuidado e muita calma", conclui Alberto Steolla.



Therezinha Cury: cultura sem a televisão

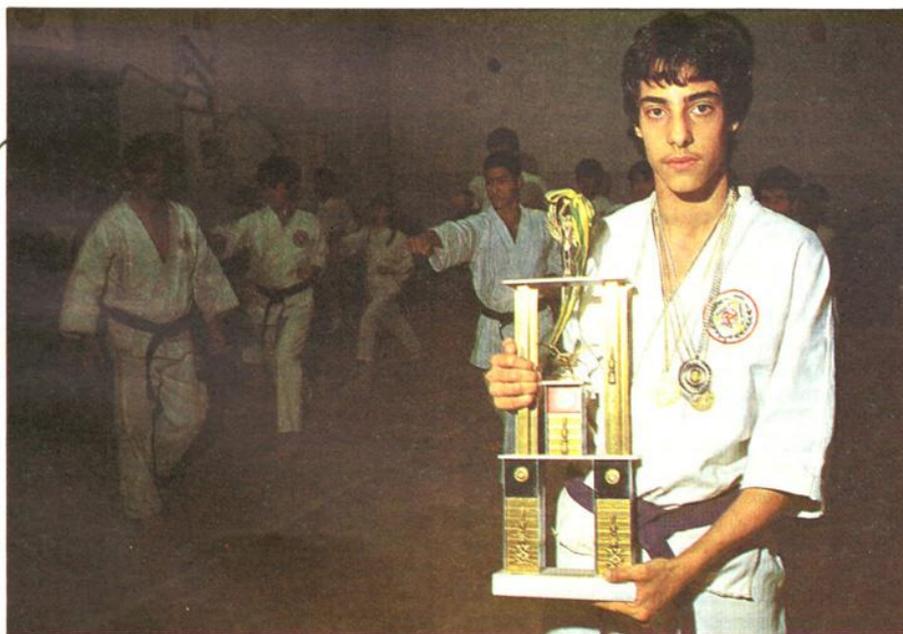
A dificuldade em manter o hábito que levava Therezinha Cury Alves, seu marido e alguns casais amigos semanalmente a São Paulo para assistirem a peças teatrais, e a necessidade de preencher o tempo ocioso surgido com a aposentadoria fez com que ela se transformasse numa organizadora de excursões culturais. A primeira turma foi reunida em fevereiro de 82, para assistir "Aí vem o dilúvio" e a experiência passou rapidamente do sucesso para uma rotina que Therezinha cumpre pelo menos duas vezes por mês sempre acompanhada por 40 pessoas, em geral casais cujas mulheres aprovam especialmente os programas preparados, pois "as excursões são a única maneira de tirar os maridos acomodados da frente da televisão". O público da

organizadora Therezinha está crescendo dia a dia e, hoje, ela já tem até pedidos para que faça roteiros semanais. As peças teatrais ela mesma determina, cuidando para que sejam comédias leves, elogiadas pela crítica especializada, as preferidas pelos seus companheiros, que só neste ano já assistiram "Toalhas Quentes", "Oh Calcuta" e "Negócios de Estado". Apesar de ter adquirido muita experiência com estas pequenas excursões, e de estar preparando uma para a Pousada do Rio Quente, Therezinha diz que viagens turísticas não são o seu forte e que prefere as culturais ao contrário de Nair Curi Andery, 58 anos, outra mogiana que se dedica ao trabalho de organizar excursões desde 1960, quando fez uma romaria à Aparecida do Norte.



Kinichi: êxito com metalocerâmica

Nestes 30 anos de profissão que completa agora em 84, o dentista Kinichi Aihara jamais pensou que pudesse alcançar tamanha satisfação pessoal e profissional como a que vem atingindo desde que começou, há pouco mais de dois anos, a trabalhar com a metalocerâmica, técnica e material conhecidos pela beleza estética e também pelo alto custo. Depois de montar um completo laboratório de prótese em sua clínica odontológica, em Suzano, equipá-lo com modernos aparelhos e fornos importados, além de incentivar a formação específica de técnicos, Kinichi, hoje, conta satisfeito que faz mais de 60 trabalhos em metalocerâmica por mês, número que surpreende seus companheiros de simpósios e congressos. "Com o laboratório próprio, instalado aqui na clínica, podemos desfrutar de toda a comodidade, passá-la para o cliente e, melhor ainda, oferecer os trabalhos por um custo muito reduzido – a metade do que é comumente cobrado em São Paulo".



Yuri: agora, especialização no Exterior

A estrutura frágil e o jeito tímido de Yuri Ferreira Saba, um mogiano de 14 anos, vem a mente quando se fica sabendo que Saba é bicampeão brasileiro de caratê na categoria infanto-juvenil, título que

ele conseguiu em abril, quando venceu as provas do campeonato realizado em São Vicente. Integrante da Academia Mogiana de Caratê Shorin – Ryu, comandada por Paulo Roberto Higa, Yuri Saba, um faixa roxa mui-

to esforçado, treina duas horas por dia e quase não lembra o menino que, há quatro anos, espiava curioso os treinos da academia localizada ao lado da casa de sua avó.

"Hoje, eu vejo que o caratê me ajudou muito, principalmente em termos de saúde. Agora, meu sonho é especializar-me no Japão", conta Yuri, que também tem em seu currículo um vice-campeonato nacional – foi campeão em 82, vice em 83 e novamente campeão em 84. Estudante da oitava série do colégio Santa Mônica, ele, como a imensa maioria de nossos melhores atletas, também lamenta a falta de incentivo e apoio da cidade e de seus poderes públicos, que nem mesmo conhecem a existência desse campeão brasileiro de Mogi das Cruzes.

Apoiado pelos pais, Yuri diz ter sorte de poder participar dos campeonatos devido a este apoio. Pior são os atletas seus companheiros que deixam de competir pela academia, que é tetra campeã brasileira, por falta de condições financeiras e até mesmo condução para chegarem ao local das competições. É mais uma prova de que o esporte não interessa – ou pouco vale em Mogi.



Fausto Silva com Lula: irreverência, talento e humor

RÁDIO

Inovação no rádio

O rádio já não é o mesmo depois que Fausto Silva descobriu a fórmula mágica que mudou o "Balancê"

Para ser um programa de televisão, faltariam as câmeras e, para ser um programa de rádio, seria preciso um estúdio. A síntese destas duas linguagens é o "Balancê", um programa de rádio, com auditório, transmitido diariamente da Palhaçaria Pimpão, pela rádio Excelsior AM, das 12:00 às 14:00h.

Um verdadeiro "círculo de variedades", que, além de abrir espaço para artistas independentes e cantores recém-lançados pelas gravadoras, representa uma fatia do mercado radiofônico de maneira insólita; assim, tanto a música como a literatura ou o teatro e até mesmo a pintura, têm divulgação garantida no "Balancê".

Nesse coliseu, os espetáculos se transformam num verdadeiro mosaico quixotesco do quadro social e político do País. A sonoplastia fica a cargo de Johnny Black (João Antonio de Souza), operador com a função de um maestro no meio de discos e fitas, pulverizando o ouvinte com notas musicais de uma sinfonia extravagante. Na apresentação, um trapezista diferente garante o salto imortal das palavras, Fausto Silva; os palhaços são representados por Nelson "Tatá" Alexandre e Carlos Roberto Escova; a produção é de Lucimara Paris, a direção é de Osmar Santos.

Há 5 anos, quando foi criado por Osmar Santos, o "Balancê" era um misto de informação esportiva e de música. Depois, juntamente com

Juarez Soares, o programa ganhou força para garantir o espaço no rádio. Em 83, quando completou um ano (após ter sofrido modificações na estrutura), o "Balancê" saiu dos estúdios da Globo e foi para o teatro Zácara, num lançamento histórico, quando o governador Franco Montoro reviveu os áureos tempos do rádio, cantando com Emilinha Borba. Hoje, um público constante, geralmente composto por desempregados, lota diariamente o auditório da Palhaçaria Pimpão, na rua Apa, 304.

A informação é aglutinada com as "tiradas" políticas por Fausto Silva. Ele diz que não existe fórmula para se conseguir audiência e sucesso como locutor: "Eu sou o que sou dentro ou fora do programa". E arremata: "O Balancê representa, de alguma forma, a visão do público, sobre os acontecimentos do País e do mundo".

A censura geralmente muda a proposta de um programa, mas Fausto Silva acha que a auto-censura é pior do que a imposta pelo governo ou pelos empresários. No entanto, a originalidade supera esse problema: "Faço meu trabalho com naturalidade suficiente para não ter medo dela", argumenta.

Contando com 150 tipos diferentes, que são apresentados de acordo com a situação, Nelson Alexandre e Carlos Escova, podem ressuscitar Hitler divagando sobre o descongelamento das calotas polares ou D. Paulo Evaristo Arns co-

mentando um jogo de futebol. Fica a critério da improvisação, já que, muitas vezes, a pauta é esquecida, para aproveitar a sensibilidade do momento. Contudo, fazer humor no rádio é muito difícil, comenta Escova. "Não existe suporte visual, as pessoas devem identificar-se com a voz do personagem", e acrescenta: "O desgaste é maior no rádio que na TV, porque é feito diariamente".

Nessa sinfonia circense, cada um é músico e maestro. Para Johnny Black a música não é somente complemento da fala, "ela entra para destruir a informação e, muitas vezes, ela é a própria informação", conclui.

Seguindo os rumos políticos do País, o "Balancê" está saindo da Palhaçaria Pimpão, uma vez por mês, para ser transmitido de colégios e faculdades. O novo esquema entra em prática a partir deste mês. Na realização apenas uma certeza: a de uma proposta de vanguarda consciente entre o barroco e a contra-cultura •

Milton Pelegrini

LIVROS

Pelo leitor

Criticado até o fim, Zé Mauro fez o brasileiro ler

Com mais de 20 livros publicados e traduzidos em 32 países, o romancista e contista José Mauro de Vasconcelos, falecido na última semana de julho, entra na história literária brasileira – sob a relutância dos críticos – como um dos poucos escritores que conseguiram viver dos direitos autorais. Malhado, por vezes impiedosamente, pela crítica, especialmente depois que conheceu o sucesso de público nos anos 60, José Mauro, que começou sua carreira literária na década de 40, contou sempre com o favor dos leitores que descobriam virtudes onde os críticos só enxergavam defeitos. O pieguismo, talvez um dos seus maiores defeitos, foi ampla e abusivamente explorado pelo romancista que provocou com isso a ira da crítica, mas despertou, em contrapartida, a emoção dos leitores que derramaram muitas lágrimas ao lerem as singelas histórias passadas no campo com gente simples e igual a todo mundo. Esse rico filão, descoberto pelo criador de **Rosinha minha canoa**, garantiu-lhe um sucesso permanente e um número de edições simplesmente extraordinário para um autor brasileiro que deve contentar-se geralmente com cinco mil exemplares vendidos a longo prazo.

Se é verdade que a crítica tinha razão quando apontava falhas na obra do romancista, nem por isso se pode deixar de reconhecer a consciência profissional de José Mauro que sabia oferecer ao público os pratos feitos pre-



Zé Mauro

feridos, salpicando suas histórias com uma boa dose de sentimentalismo comum nos melodramas das novelas de televisão. Limitava-se a contar histórias, sem a preocupação de tentar novos caminhos ou novas experiências na arte de narrar. Num país como o Brasil, onde é difícil fazer da literatura meio de vida, José Mauro teve, pelo menos, a virtude de despertar o gosto da leitura em muita gente que não se sentia atraída pela letra impressa, o que já é muito sem dúvida nenhuma. É difícil dizer se seus livros continuarão ou não a desfrutar da preferência dos leitores. A vida literária é movida por muitos imponderáveis. Como diria o Conde Acácio, só o tempo dirá.

•
Nilo Scalzo

TEATRO

Boas novas

Nicette Bruno e Aracy de volta aos palcos paulistas

De repente, a situação limite. A escuridão de um túnel que conduz inevitavelmente ao passado, recapitulando 40 anos de uma relação umbilical, mãe e filha, uma viúva, a outra separada, num duelo de argumentação em torno de dois temas fundamentais, a vida e a morte. "Boa Noite, Mãe", da norte-americana Marsha Norman, chega a São Paulo (Teatro Paiol - rua Amaral Gurgel, 164) com o Prêmio Pulitzer de teatro de 1983, após uma temporada de sucesso na Broadway, além de cinco meses em cartaz no Rio de Janeiro, com as mesmas Nicette Bruno (a mãe Thelma) e Aracy Balabanian (a filha Jessica) que se desnudam todos os dias no palco, vivendo um momento de declaração mútua, de doação, lembrando histórias que se interligam e às vezes explicam o presente, discutindo sobretudo a autodeterminação das pessoas, sua liberdade.

O suicídio. Essa a situação limite que fere Jessica e a leva a um contato esquecido com sua mãe, a uma conversa que pode lembrar o diálogo Ingrid Bergman-Liv Ullmann ("Sonata de Outono", de Ingmar Bergman) ou Shirley MacLaine-Debra Winger ("Laços de Ternura", de James L. Brooks), mais recente. Aquele encontro que deveria ser a regra, mas é a exceção, já que os homens ativamente procuram a distância e não o relacionamento. Nicette Bruno destaca o efeito catártico da peça, a forte identificação com a platéia. "Vivemos experiências incríveis, fantásticas, com casos de pessoas que tiveram uma reação histérica ou uma aproximação com os personagens, sempre a partir da troca de energia que o teatro propõe. Cada pessoa reage de uma forma ao texto. Para mim ele não é cruel, e sim um alerta de que é chegado o instante de parar, pensar e reciclar." Tudo com muita emoção, no palco e na platéia.

"Boa Noite, Mãe" se distingue pela equipe de retaguarda - direção de Ademair Guerra, cenografia de Maria Bonomi, tradução de Milôr Fernandes - e pelo fato de suas duas atrizes retornarem à cena paulistana. Aracy pisa, pela



No palco, encontro de mãe e filha

primeira vez, nesta década um palco de São Paulo, ela que cursou a Escola de Arte Dramática, devido às obrigações do estrelato global, e Nicette, que também construiu parte importante de sua carreira na cidade, sofre as mesmas injunções. Uma hora e meia de espetáculo - um verdadeiro impacto no coração, como já foi definido - que não se prende à condição da mulher norte-americana, apesar de mãe e filha serem dessa nacionalidade, mas àquela de toda mulher, de todo ser humano, de quem sente o peso do cotidiano e se abate ante as pressões que podem levar à situação limite. Quem for ao Teatro Paiol - a peça fica em curta temporada - saberá no que resultou o encontro, as histórias, os artifícios para burlar a autodeterminação.

•
Frederico Mengozzi

DISCOS

É o brega

Eduardo Brega Dusek retorna com músicas autênticas

O Brasil gosta de moda. De repente, alguém fala que a moda é dançar, todo mundo sai dançando. Se alguém fala que a moda é rock, é rock. Se é choro, é choro. E agora, andam falando que a última moda é o brega. A própria palavra brega já entrou na moda. Já falam em roupa brega, jornal brega, barzinho brega. Quer dizer, meio cafona (outra palavra que já esteve na moda), meio bolerão. E até já elegeram o rei do brega: Eduardo Dusek.

Eduardo Dusek chega agora às lojas de discos com uma obra, no mínimo surpreendente: *Brega Chique, Chique Brega (Polydor)*. Agora a moda e o oba-oba em torno da "novidade", a verdade é que Dusek traz de volta ao Brasil-classe-média, a sua verdadeira música. É a música que vende milhões e milhões de disco, que é cantada nos serviços de alto falante desse imenso país, que é dançada em terreiros de chão forrados de fubá para melhor escorregar.

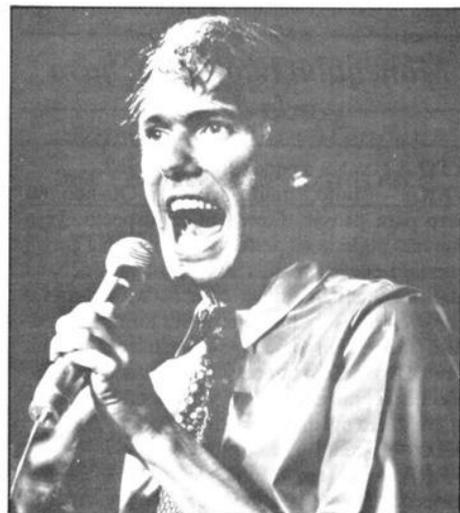
O lado A inteiro é isso: música popular bra-

sileira autêntica, verdadeira, sem *rocks*, sem *breaks*, sem folclore. É o povo, é a vez do povo. Pelos títulos das músicas, dá para perceber: Recebi seu Bilhetinho, Soraia, O Crápula, Ele não sabia de nada e a tão cantarolada Brega Chique, mais conhecida como "Doméstica".

Eduardo Dusek apareceu há dez anos com o nome de Duardo Dusek, apadrinhado por Gilberto Gil. Dessa época, poucos se lembram. Lançou o primeiro disco em 1981 (Olhar Brasileiro), uma mistura de tudo. Em 1982 voltou com Cantando no Banheiro, um disco, do início ao fim, puro rock dos anos 50, reciclados, modernizados nas letras. Aí estourou, com sua ironia, com sua cara de deboche.

Havia uma grande expectativa em torno do terceiro disco de Dusek. Seria um disco de rock? Não. Eduardo Dusek deu uma parada, circulou por esse Brasil inteiro e decidiu lançar Brega Chique, Chique Brega. Sem medo. E aí está o resultado, o mais brasileiro dos sons. Para não assustar tanto, Dusek gravou um lado B mais "intelectual", com alguns clássicos da MPB: Serra da Boa Esperança, de Lamartine Babo, por exemplo. E assim, ele continua sua obra, sempre surpreendendo, o que é bom nesses tempos pasteurizados.

•
Alberto Villas



Dusek: muita coragem e sucesso

Agora, o talento

Vera Fischer conseguiu deixar para trás a imagem de miss Brasil e persegue com garra o sucesso como atriz

Desde 1969, quando ganhou o título de miss Brasil pelo Estado de Santa Catarina, a menina não sabia que iria ser protagonista de uma carreira artística intensa. Na época, Vera Fischer só pensava em passear, conhecer outros lugares, pessoas, enfim, viver muito mais que qualquer garota de sua idade.

Assim, com a cara e a coragem, foi para o Rio tentar. E conseguiu. Hoje, aos 32 anos, já trabalhou em cinema, teatro e televisão, sempre com sucesso. Seu primeiro trabalho como atriz foi em "Sinal Vermelho, as Fêmeas". Até então, tinha apenas participado de júris em programas de TV, sem viver a experiência de representar.

Casada com Perry Sales, também ator e produtor de muitos de seus trabalhos, Vera, que tem uma filha de cinco anos, Rafaela, faz no momento "Negócios de Estado", peça com mais de 100 apresentações levadas ao palco do teatro Hilton, em São Paulo, onde entre uma sessão e outra ela falou a ATO.

ATO – Tudo começou com o concurso de miss Brasil?

VERA – Bem, não foi o começo. Na época eu tinha 17 anos e nem me passava pela cabeça ser artista. Para mim era um barato poder sair da minha cidade, viajar, parar de estudar, conhecer outras pessoas... Ser atriz? Nada disso. Nunca fiz planos ou projetos. Só queria viver. Quando terminou o concurso, que eu voltei para a minha cidade, percebi que teria que voltar a estudar e começar tudo de novo. Aí ficou estranho. As pessoas começaram a me olhar de maneira diferente, achando que eu havia mudado. Aquilo para mim foi decisivo: eu não tinha nada mais a fazer ali. Meus próprios amigos me estranhavam. Eu tive que optar. Resolvi abandonar tudo, ir para o Rio e começar a trabalhar em alguma coisa que gostasse. Achava que poderia ser apresentadora de televisão, coisas assim...

Manequim não, me achava gorda demais

ATO – E valeu a pena esse sacrifício?

VERA – Muito, muito mesmo. Quando eu paro para pensar, fazer um retrospecto, vejo que não poderia ter feito outra coisa. Na época queriam que eu fosse manequim, mas achava que desfilar não estava com nada, era muito gorda e coisas assim. Queria ser jornalista, enfim, fazer algo onde pudesse trabalhar com gente. Ao mesmo tempo, era um pouco tímida e não queria me expor. Fui percebendo que meu negócio era mesmo ser artista.

ATO – E qual foi seu primeiro papel?

VERA – Foi em "Sinal Vermelho, as Fêmeas". Até então eu nunca havia representado, só participara do júri de televisão. Quando

apareceu o convite, achei que deveria aceitar justamente para ingressar na carreira artística. Depois, não parou mais de pintar convites, inclusive para TV em programas humorísticos, tipo "Os Trapalhães" e Ronald Golias. Tudo que aparecia ia fazendo. Eu era solteira e tinha muito tempo.

ATO – Quais as dificuldades que encontrou?

VERA – A dificuldade maior foi a seguinte: eles usavam o título de miss Brasil como chamariz na divulgação do filme. Na época esses concursos ainda eram moda e as pessoas iam, mas querendo ver a miss e não o personagem. Isso me incomodou durante algum tempo. Só parando quando comecei a trabalhar para mim mesma, o que é muito difícil.

Não esperava tanto sucesso em São Paulo

ATO – Como é ser seu próprio patrão?

VERA – É completamente diferente. Mais responsabilidade, dor de cabeça, mas muito melhor. Você tem a oportunidade de fazer um trabalho com qualidade superior, as pessoas te respeitam mais, apesar de ser bem caro. Tem que ter muita vontade de acordar cedo e sair para conseguir dinheiro.

ATO – Em teatro, esse é seu primeiro trabalho?

VERA – Não. O primeiro foi no Rio, com a peça "Os Desinibidos", que ficou só dois meses em cartaz, porque era bastante agressiva e não agradou ao público. Mas para mim como atriz foi uma experiência válida, porque eu cantava, dançava. É completamente diferente com o público presente.

ATO – E em "Negócios de Estado"?

VERA – Está sendo fantástico. Não pensei que fosse fazer tanto sucesso em São Paulo.

ATO – Como foi sua atuação na televisão?

VERA – Fiz cinco novelas seguidas e foi bom porque divulgou meu trabalho para todo o país. Mas é muito cansativo: o ator passa o dia inteiro gravando, quando chega em casa tem que ficar decorando o texto para o dia seguinte. É bom porque treina a memória e exercita enquanto representação, já que uma hora tem que fazer uma cena rindo, outra chorando...

A campanha das diretas, nunca vi coisa igual

ATO – Como você vê o pessoal que está começando agora?

VERA – No Brasil, o ator tem que fazer de tudo. Mas isso a gente só percebe com o tempo, conforme a gente vai amadurecendo. E a nossa profissão é assim: a gente aprende até morrer.



Vera: êxito em São Paulo

ATO – O que falta no Brasil para melhorar a situação?

VERA – Bom, do brasileiro em geral... Acho que deveria ter mais escolas, para todo mundo, com merenda e tudo, as crianças já crescem famintas e com ódio de tudo.

ATO – Vera, o que você achou da participação dos artistas na campanha pelas eleições diretas?

VERA – Achei fundamental. Em toda minha vida eu nunca havia visto nem participado de um movimento tão grandioso. Os artistas também são homens públicos e tomam as causas dos outros. Eu ainda acho que a maioria faz a força.

ATO – Você se lembra de algum episódio em que a classe artística tenha aderido assim?

VERA – Que eu me lembre não. A não ser nas campanhas para governador.

ATO – Em quem você votou?

VERA – No Brizola.

ATO – E está contente com o governo?

VERA – Estou, mas acho que existe pouco espaço para ele fazer alguma coisa.

ATO – Na sua vida profissional, tem alguma coisa que ainda gostaria de fazer?

VERA – Quero continuar a fazer cinema. Embora meus amigos cineastas estejam apavorados com a falta de dinheiro e bons textos, acho que é o veículo que mais me agrada. Sinto falta de bons personagens femininos no cinema brasileiro.

ATO – Porque?

VERA – Em primeiro lugar são machistas e escrevem para um tipo muito definido, que é morena ou mulata. Não posso fazer esse tipo de papel. Eles não sabem que mulher brasileira é uma mistura de tudo. No teatro quero continuar. E vídeo-cassete, essas mini-séries, são coisas que eu gostaria de fazer... E tudo que eu tiver chance para melhorar meu trabalho de atriz, eu sempre vou topar.

ATO – O fato de ser casada com um homem do meio artístico, facilita seu trabalho?

VERA – Muito. Nós queremos as mesmas coisas enquanto profissionais. Trabalhamos muito juntos, sempre conversamos e isso é importante. Uma outra pessoa não compreenderia com facilidade o tipo de trabalho, os horários. O Perry não é desses homens que sentem inveja. Ele respeita o meu trabalho e sempre me incentivou bastante.

●
Paola Gentile



Fran: deixando Mogi para buscar fora as armas do sucesso

PERFIL

Eu sou um artista

*A história de um menino retraído
que venceu todas as barreiras que encontrou até
chegar ao que sempre perseguiu*

O mogiano Fransisco José de Carvalho Filho, já fez muito mais coisas na vida do que muita gente imagina. Aos 34 anos, um breve currículo seu passaria por atividades nada comuns na época em que começou a executá-las: foi gerente de modas de uma boutique, manequim em desfiles de modas e modelo de propaganda. Atuou ainda em teatro, onde chegou a fazer parte da peça "Hair" num tempo em que a grande Sônia Braga era quem vendia os folhetos da peça na entrada do teatro. Foi também arquiteto, maquiador – e é, também, Fran Carvalho, conhecido estilista da cidade. Irônico e mordaz, sua figura nem sempre consegue unanimidade, apesar de ser sempre respeitada, provavelmente por sua aguda visão crítica do mundo que o cerca. "Eu vejo a sociedade mogiana com óculos escuros. É tanta aberração, tanta agressão que chega a ofuscar" – costuma dizer. Num fim de tarde de agosto ele concedeu esta entrevista a ATO.

ATO – Como é que foi sua infância?

FRAN – Eu sempre fui uma pessoa retraída, inibido, e isto deve ter atrapalhado um pouquinho

minha infância. Era muito gordinho, meio complexado, meio problemático. Mas sempre fui muito ligado à minha família, que sempre me apoiou em qualquer coisa. E consegui superar muita coisa nessa fase.

ATO – A moda era uma coisa que desde a infância estava ligada a você?

FRAN – O meu avô desenhava para ele e a minha tia Cida Carvalho, eu praticamente fui criado com ela, sempre foi muito elegante. Ia a São Paulo com ela, nas modistas, e sentia uma coisa, achava bonito o jeito dela se vestir. Isso foi bem na infância, tinha uns cinco ou seis anos. Inclusive, quando minhas irmãs brincavam de boneca, eu desenhava as roupas, meio escondido do meu pai, porque ele já ia achar que era uma baixaria.

ATO – Mas seu pai é uma pessoa arejada, aberta...

FRAN – É, mas na época ele não era psicólogo. Ele se formou depois de muito tempo, trabalhava num banco. Agora, não tem grilo nenhum. Aliás com a família inteira não tenho grilo. Todo mundo pensa que tenho mas não. Todos falam: Mas costureiro? Eles rotulam você.

Costureiro o cacete, eu não sei pregar um botão. Eu sou estilista. Aliás me considero mais um artista do que um estilista. Não sou eu que me considero, eu fui consagrado como artista em São Paulo, em exposições, em museus de arte. A moda é uma coisa que me fascina. Vestir as pessoas me fascina.

Aquele sargento Mendes me chamava de costureiro

ATO – E a adolescência?

FRAN – Toda vida eu pensei na moda, mas não podia nem pensar nela nesta época. Eu não podia nem pensar em exercer. Minha adolescência eu dividi entre Mogi e São Paulo. Era a época da Jovem Guarda, Roberto Carlos, essa coisa toda. Mas acho que minha adolescência foi muito rápida, passei para a fase adulta muito rápido. Já tinha vontade de trabalhar, enquanto todo mundo queria curtir.

ATO – E os estudos, o primeiro emprego?

FRAN – Eu estudei aqui em Mogi, depois em São Paulo. Essas coisas normais de escola,

ginásio, colégio. Uma época parei de estudar e fui fazer a Escola Panamericana, na Capital, mas o curso de publicidade, isso por volta de 69. Antes de ir para lá eu já tinha tido o meu primeiro emprego que foi o de gerente de moda da boutique Casablanca, com 19 anos.

ATO – Foi aí, então o começo de tudo...

FRAN – Antes disso já desenhava. Fazia modelos e levava para clientes verem, mas quem começou mesmo a se vestir comigo foi a Orsy Squarcine Urbano. Eu desenhava também para a Cecília Grinberg, Dadaça Campos Silva, Fátima Amaral. Mas para senhoras mesmo a primeira foi a Orsy, que fez também, na casa dela, o meu primeiro desfile, em 68, quando eu estava fazendo o Tiro de Guerra.

ATO – Como foi passar pelo Tiro de Guerra?

FRAN – Eu passei um vexame com aquele sargento Mendes, que me chamava de costureiro na frente de toda a tropa, para agredir mesmo. Uma agressão gratuita. Nunca fiz nada contra ele, sempre fui um cara que ficava ali, no meio de todo mundo, fazendo o que todos faziam e ele me chamando de costureiro, você já pensou? Eu me senti meio agredido e comecei a não ir mais de tanto que me agredia e tirava sarro. Até que estourei, perdi todos os benditos pontos e depois quando tive de voltar a fazer arranjei um exame médico e fui dispensado. Depois tinha aquilo de excesso de contingente...

Fui manequim, fiz muita propaganda. Atuei em Hair...

ATO – Voltando a seu contato com a moda...

FRAN – É, eu conheci um pessoal de Santo André que queria montar uma boutique aqui e queriam que eu fosse o gerente de modas. Eu também mexia com bijouterias e fui trabalhar com eles, sendo o responsável pela decoração da loja que foi o maior sucesso. Inclusive os vendedores da Czarina chegaram até a dizer que Mogi não comportava, nem São Paulo, a Augusta comportava uma boutique daquele jeito. Foi o maior auê mesmo. Inclusive tinha muito colunável que não passava na calçada da Casablanca, atravessava a rua e só aparecia na época de liquidação. Não tinha condições de manter uma boutique daquela aqui. Tinha que baixar o nível mesmo. E gozado é que vendiamos as coisas muito mais baratas do que em São Paulo.

ATO – Mas ninguém acreditava?

FRAN – Não acreditava. Até hoje, o pessoal gosta de fazer um *shopping*. Tem gente que sai daqui, come bolinho de bacalhau no shopping,



Prefiro ficar em casa, curtindo

assiste um cineminha e vem contando história.

ATO – E depois?

FRAN – Daí não quis ser sócio deles e fui para São Paulo. Comecei a transar publicidade e a desfilando trabalhando para várias firmas, inclusive para a Christine Yufon. Nós fazíamos propaganda para o Valentino e tive muitos amigos que foram para a Itália; não fui por causa da minha família. Continuei em São Paulo, fiz o lançamento da cueca Hering, do Old Eight, do cigarro Hilton, com a sobrinha do Vicente Leporace, a Cláudia, que sempre estava comigo. Transei mil e uma com propaganda e tudo isso foi me fascinando mais ainda com o mundo da moda.

ATO – Já era um bom início.

FRAN – Daí comecei a fazer maquiagem. A gente chegava para fazer publicidade e faltava um maquiador. Não tinha experiência, mas de tanto ver o pessoal eu pensei: "Quem pinta um quadro pinta a cara de uma mulher". E fiz até capas de revistas como maquiador. Na época, nós fomos fazer uma propaganda da Mundo Cane e a dona da loja quis que trabalhasse com ela na parte de moda. A moda vinda da Itália estava muito cara, *know-how* italiano estava caríssimo, então eu comecei a dar dicas para ela...

ATO – Você se deu bem em São Paulo...

FRAN – Fui o primeiro homem a usar bolsa no Brasil e a usar brinco também. Você imagina, na rua Augusta, que era considerada a rua mais transada em moda da América do Sul, me pararem para perguntar porque eu usava brinco e bolsa a tiracolo. A Alik Kostakis pediu para

tirar uma foto minha chegando no Rio. Ela falava: "Meu Deus! Já estão usando bolsa aqui no Brasil?"

ATO – Em São Paulo isso foi tudo?

FRAN – Não. Fiz Hair no lugar do Acácio Gonçalves, antes de Altair Lima e na época quem vendia folhetos era a Sonia Braga, que depois entrou na peça. E comecei a ensaiar Jesus Cristo Superstar, mas estava fazendo mil coisas e o teatro estava uma barra muito pesada...

ATO – E como foi que você voltou para Mogi?

FRAN – Voltei porque passei na faculdade aqui, em primeiro lugar. Eu queria fazer Medicina, para fazer cirurgia plástica. Entrei na Santa Casa, na segunda chamada, mas não gostei e tentei Arquitetura. Entrei em primeiro lugar aqui na Braz Cubas. Enquanto fazia a faculdade, para sobreviver comecei a trabalhar com meu pai mas, de saco cheio, fui trabalhar com a Eliete Varjão, isto em 1974. Conheci a Eliete quando desenhei uma roupa para a Luciane de Paula, ela ia sair num carro alegórico, desfile de 7 de Setembro, e não tinha quem fizesse a roupa – fui procurar a Eliete. Depois como ela tinha muito serviço fui dar uma mão e comecei a trabalhar com Eliete.

ATO – Porque você resolveu fazer faculdade?

FRAN – Por pressão da família. Família é uma coisa muito gozada. Quando eles vêm que você está se dando bem com alguma coisa, em vez de dar uma força, querem é jogar bosta em cima. Eles dão liberdade, até certo ponto. Quem mais me ajudou foi meu tio Waldemar Cecin, que sempre confiou em mim, um cara excelente. Me deu uma força incrível, não apenas na parte financeira, mas uma força de achar que se gosta disso, tem que batalhar para isso. Não adianta você ser um arquiteto e ser um mal profissional. Se bem que eu me considero um bom arquiteto, principalmente em matéria de plástica.

Ser colunista não dá pé. Sou muito autêntico

ATO – E a fase de coluna social?

FRAN – Quando o Mutso comprou o Mogi News, logo no começo, fui diretor do jornal, na parte de arte. Fazia as capas, ia para a gráfica, tudo... E o Mutso me convidou para escrever. Até hoje ele me convida. Comecei a fazer, era uma linha muito autêntica, por isso fui muito criticado. Tinha gente que adorava, mas tinha gente... É que eu contava os podres das festas.

ATO – E porque parou?

DOCES • BALAS • BISCOITOS • CHOCOLATES
ARTIGOS PARA FESTAS

EM SETEMBRO:
Prestigie as festas de São Cosme e Damião
com as sacolinhas de doces da Néctal.

ATACADO E VAREJO

Rua Senador Dantas, 366 • Tel.: 469 5965 • Mogi das Cruzes • SP



FRAN – Não gosto muito de escrever, teria de ter um ótimo assessor. Se eu tivesse uma assessora como a Silene, iria fazer umas coisas incríveis. É difícil você falar as coisas no jornal e segurar a barra, é muito difícil. E eu não gosto de mandar recado pelo jornal, e nem pelo telefone. Sabe, quando eu tenho que mandar algum recado vou e falo com você olhando na tua cara.

ATO – Como você vê a sociedade?

FRAN – Com óculos escuros: as vezes é tanta agressão, tanta aberração que te ofusca.

ATO – O que você curte fazer?

FRAN – Adoro ficar sozinho. Tem sábados que fico em casa, estou num lugar que gosto, um lugar que eu montei, curtindo um som, mexendo nas minhas plantas. Detesto ficar telefonando, batendo pneu por aí...

ATO – E a mulher mogiana, em termos de moda?

FRAN – Eu comparo muito as mulheres; não só as que visto, mas em geral. É preciso destacar que para todo costureiro, estilista, a cliente é que inspira a roupa que vai usar. Aqui em Mogi, você não faz a roupa para a pessoa, porque ela está preocupada com os outros. Faço sempre uma entrevista com as clientes, principalmente aquelas que não conheço. O pior é quando a mulher vem aqui para fazer uma roupa para ir numa festa em São Paulo. Estou pelado de saber que em São Paulo a mulher usa vestido de lycra várias vezes, compra um, usa o resto da vida. Empresta, aluga – daqueles vestidos que em baixo do suvaco está gasto. E estão crentes que estão por cima da carniça. Mas elas sabem disso. Quando elas estão bem vestidas, ficam na delas. Nas festas que vou a São Paulo, quantas mulheres já não vieram me cumprimentar. A maioria das minhas clientes é de lá.

Crise? Isso nunca existiu na alta costura

ATO – Tem muita gente para quem você não costura...

FRAN – Muitas. Um impõem, tem mais garganta que dinheiro. As que não pagam eu já sei, cabem numa lista... Estas é que criticam as minhas roupas. Algumas ainda têm a cara de pau de voltar. As que criticam acabamento não sabem distinguir o que é acabamento de *atelier* e acabamento das roupas que elas estão acostumadas a comprar na José Paulino. Já teve gente que fez reunião em casa para virar as minhas roupas no avesso e mostrar acabamento. É muita falta do que fazer.



Reunião para falar mal de mim

ATO – E a crise?

FRAN – Na alta costura não atrapalha. Quem tem dinheiro, faz; quem não tem também faz e são as melhores clientes. Eu faço desde a roupa da secretária até a da filha do patrão. Para mim importa a pessoa em si, e não o dinheiro. Às vezes, quando você tem condições de fazer um trabalho melhor, para quem tem dinheiro, elas correm para São Paulo. Assim, Mogi nunca vai ver o meu trabalho.

ATO – Você se dá bem com Mogi?

FRAN – É uma cidade que dá tempo para você pensar, trabalhar. É muito diferente de São Paulo. Mas tenho planos de trabalhar lá, sem abandonar Mogi. O que falta na cidade é respeito profissional, porque Mogi não valoriza quem eleva o nome da cidade, mas valoriza demais quem vem de fora. Isso é uma grande mágoa que tenho.

ATO – Voltando à crise. Ela está forçando até mesmo o aluguel de roupas...

FRAN – Acho válido, mas é uma pena que não se tenha roupas decentes para se alugar. Se fosse como em New York! Mas também não teríamos condições, custaria Cr\$ 600 mil então fariamos uma, não é mesmo?

ATO – Como é a mulher que você gosta de vestir?

FRAN – Aqueles que assumem a roupa e um estilo. São as pessoas que me inspiram e há muitas mulheres especiais e que vestem e assumem uma roupa como a Ana Maria Mello Freire, Cecília Yoshizawa, Lydia Leal, Irene Oliveira, Lucy Oeij, Lucia Pavan, Jussara Simões, Cida Cruz, Nair Grinberg, Sandra Meloni, Pe-

nha Borenstein, Lurdes Hallage, Alzira Grinberg, Márcia Leal, Tetê Marinho Couto, Valéria Alabarce, Terezinha Rodrigues, Malena Barreiros, Débora Chermann Correia, Celinha Santana, Márcia Ferreira.

ATO – Existem mulheres que você gostaria de vestir e nunca teve oportunidade?

FRAN – Claro, por exemplo, a Lina Moriconi, Nara Costa, Terezinha Scavone, Dirce Sgarbi, Cida Kauffman e outras.

ATO – As noivas são uma especialidade sua...

FRAN – Vestido de noiva pode ser uma coisa careta, cafona, mas para todas é dentro dele que se marca um momento inesquecível. Eu acompanho a noiva desde quando chega ao *atelier* para tratar um vestido até a igreja. Faço muitas vezes, todo um trabalho psicológico. Escuto problemas, ansiedades, inseguranças. Acho que transmito segurança e forneço aqui uma atmosfera boa. Faço isso porque curto o que faço e faço para todas as classes sociais, não importa. Optei por isso não pela parte financeira.

ATO – Qual seria seu sonho ainda não realizado em termos de vestidos?

FRAN – Tenho fascinação por fazer um vestido de noiva preto. Conheço várias mulheres que têm o tipo e o estilo para usá-lo, mas não usariam nunca porque a cabeça não deixaria.

Meu grande sonho é vestir uma noiva de preto

ATO – Como você vê a cidade como arquiteto, uma pessoa ligada ao visual, ao encantamento?

FRAN – Destruíram Mogi. Jogaram o seu passado no lixo e acho que quem fez isso é porque também não tem passado. Querem renovar muito mas são inconstantes, ainda não se acharam, não se descobriram. Eu fico triste e com vergonha de mostrar a meus amigos uma cidade que é antiga mas que não é antiga.

ATO – E politicamente, como você se define?

FRAN – Eu sou waldemariana, não politicamente, mas pela fibra que este homem tem. Ainda nesse campo acho uma incoerência, um crime o povo estar preocupado com eleições diretas, os políticos só se mexem de acordo com suas conveniências; fiquei revoltado com a campanha das diretas, gastando-se verbas terríveis para isso. Sou contra as diretas: o povo não tem esclarecimento para isso. O único homem que está batendo bem atualmente é o Maluf, não é o melhor mas é uma das poucas soluções. O Tancredo também é uma solução, só que não sabe mais o que quer, então não serve. ●

EXPANSÃO

EMPREITEIRA S/C LTDA.

construção civil • reformas • hidráulica e elétrica • projetos e cálculos estruturais

Delma A. Sartori • José Cândido da Silva •

Rua Major Pinheiro Franco, 301 - TEL 468-3483 - Mogi das Cruzes - SP



Ana: sem tirar o esmalte

MULHER

Braço forte

Sem receio, elas pegam no pesado e mostram eficiência

São tarefas para homens, mas elas nem por isso deixam de ser eficientes ou se constringem pelo trabalho que fazem. Ana Paccito Nascimento, 53 anos é borracheira há mais de vinte e não se esquece de detalhes como o esmalte vermelho nas unhas

das mãos muito judiadas. Ela começou a trabalhar na borracharia Santana, em frente ao DER, no bairro do Socorro, para ajudar seu marido, mas continua lá até hoje trocando pneus e manobrando os macacos como se estivesse executando o mais simples e leve serviço doméstico. Não faz, no entanto, serviços em caminhões, "muito pesados para mim, que estou com pressão alta".

Os homens observam Ana com admiração e as mulheres com um pouco de vergonha, segundo Ana por não saberem sequer por onde começar a trocar um pneu. "Elas não sabem é que qualquer coisa a gente faz, é só querer". Da mesma opinião é a técnica em eletrodomésticos Sueli Cardoso de Mattos, 24 anos, que está há mais de cinco anos consertando liquidificadores, batedeiras, ferros e enceradeiras. Curiosa, aprendeu o ofício olhando o trabalho de outras pessoas e, principalmente, desmontando aparelhos elétricos.

Trabalhando há quatro meses na Conservec, firma especializada em consertos de eletrodomésticos, Sueli já venceu a resistência das irmãs - estas, durante muito tempo, insistiam para que procurasse um "bom emprego em um escritório". Sueli, contudo, tem um grande sonho: trabalhar numa oficina de carros.

Já Solange Aparecida de Moraes, 15 anos, lida com automóveis e caminhões, mas como frentista do Auto Posto Iban, avenida Fernando Costa. Sem se importar com os gracejos e inconveniências que alguns motoristas lhe dirigem, Solange gosta do que faz e não vê barreiras em qualquer tipo de serviço para a mulher: "Eu até acho mesmo que nos adaptamos e fazemos bem qualquer serviço". Nabi Francisco Gouveia, patrão de Solange, concorda e elogia a facilidade de comunicação que as mulheres possuem, qualidades que ele sempre observou desde quando era gerente de banco. "Não tive dúvidas em empregar Solange" - diz satisfeito por seu pioneirismo.

A idéia de trabalhar como frentista, no entanto não é original de Mogi pois Elza Sanchez, Rosane de Souza e Jeni Butião já trabalharam em postos das cidades de Lins e Porto Ferreira e estão-se transformando em atrações do Auto Posto Turismo, esquina das ruas Deodato Wertheimer e Engenheiro Gualberto. Ali, após uma reforma, os sócios João Gilberto Moro e João Lenzi não tiveram dúvidas em colocar mulheres para atender seus fregueses e não se arrependem. "As mulheres pegam mesmo no batente e em postos de gasolina são responsáveis por um aumento muito sensível no movimento." - dizem. •



Sueli: sonhando com os carros

Dr. Francisco Averaldo Neto

Médico - CRM 23.319

Clínica Médica e Pediatria

Consultório Rua Tenente Manoel Alves, 358. Tel. 469-4324
Praça das Bandeiras - Mogi das Cruzes

Residência
Rua Poti, 53
Tel. 469-1810



PREFEITURA MUNICIPAL DE MOGI DAS CRUZES

Setembro, 1.º, Data do aniversário de Mogi das Cruzes. E mais uma vez é necessário que todos, irmanados, procuremos através do trabalho e da solidariedade, encontrar as respostas para os desafios do Tempo. Que essas respostas sejam concretizadas em ações de progresso e desenvolvimento, para o bem estar de toda a comunidade.



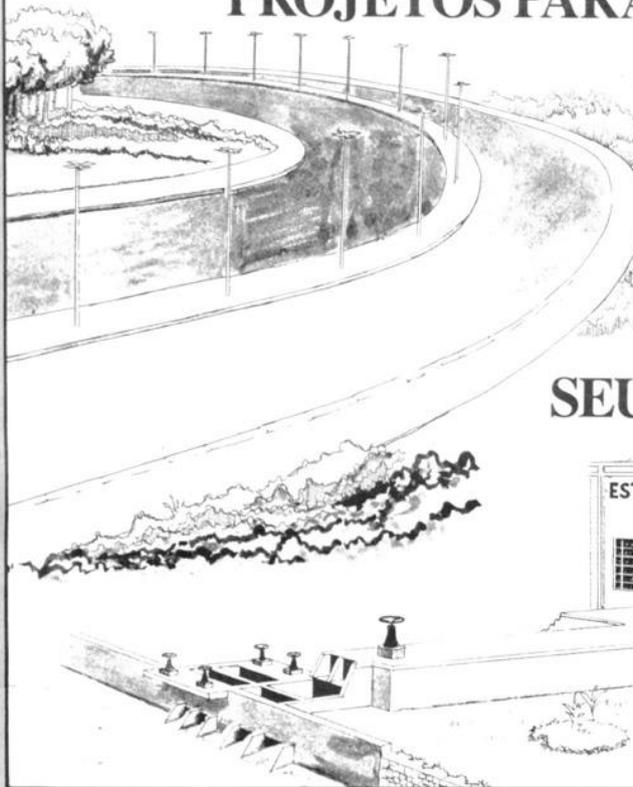


MOGI MERECE

PROJETOS PARA



SEU DESENVOLVIMENTO



A Administração Municipal, na atualidade, estuda novos projetos que possibilitem a retomada do desenvolvimento econômico do município. Ao longo dos 20 anos Mogi das Cruzes perdeu, de maneira gradativa sua estabilidade econômica por inúmeros fatores e pouco se fez para essa evitar decadência. Ao contrário do que se pensava, a vinda das Universidades trouxe mais problemas. Se por um lado alguns setores foram beneficiados, em contrapartida, esses empreendimentos do campo educacional ficaram isentos das obrigações fiscais acarretando mais prejuízos com a sobrecarga de serviços à rede urbana.

Hoje, o prefeito Antonio Carlos Machado Teixeira, mesmo diante de um quadro financeiro municipal especialmente difícil, discute a realização de obras para que, no futuro próximo, sejam pontos de partida de um desenvolvimento capaz de superar a imagem de uma cidade cuja economia regrediu nos últimos tempos.

Para seu trânsito, que hoje está bastante problematizado pela falta de vias adequadas de escoamento, o governo Machado Teixeira estuda a construção de uma Via Perimetral que, além de solucionar os problemas de tráfego de veículos no centro da cidade, estará interligando as suas principais vias de acesso.

A economia do Município precisa crescer e o índice de desemprego cair. Para isso, se discute, atualmente, a transferência da estação de captação e recalque do Serviço Municipal de Água e Esgoto-SEMAE, do distrito de César de Souza, para 8 km acima, no bairro do Cocuera, o que permitirá a expansão industrial desse distrito.

O centro da cidade poderá ter, de vez, o fim dos problemas de enchentes, através da canalização do rio Negro. O Largo Primeiro de Setembro, uma das áreas mais afetadas, poderá, através da implantação desse projeto, se tornar viável e seguro para o seu importante comércio.

Para a população dependente do transporte coletivo, a Administração Machado Teixeira já está realizando um estudo aprofundado para implantar uma linha de tróleibus, no perímetro urbano, oferecendo, com isso, um serviço moderno, seguro e econômico.

solução de um problema crônico

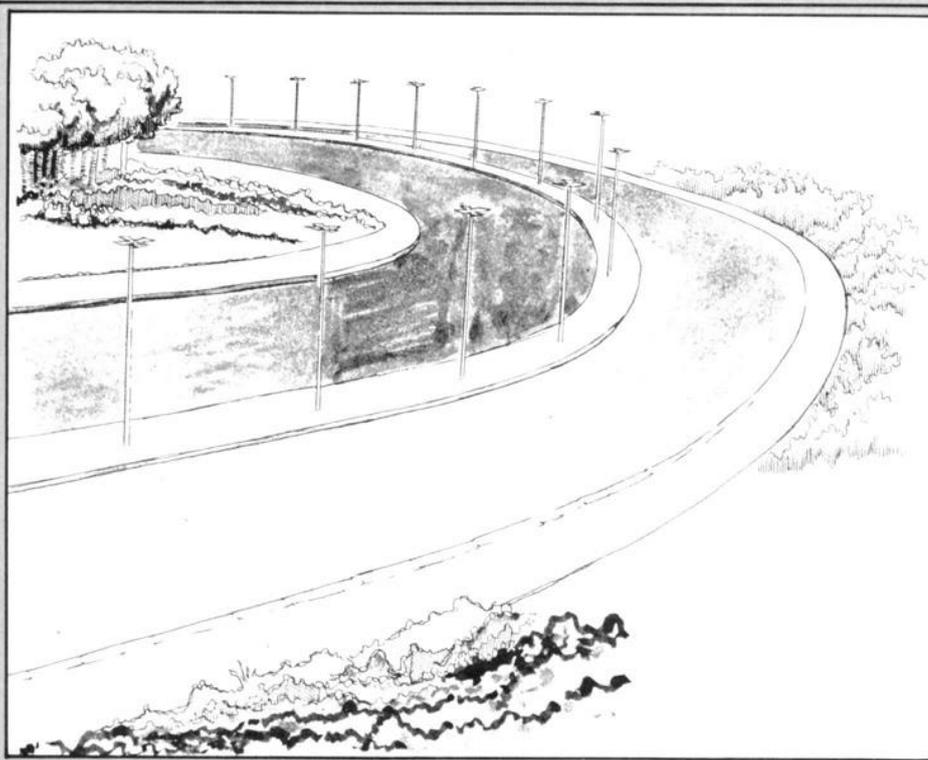
A visão de desenvolvimento social e econômico da administração Machado Teixeira inclui também outro importante projeto que visa solucionar, definitivamente, os problemas das enchentes nas áreas do Largo Primeiro de Setembro e Praça das Bandeiras.

Esse projeto se destina à canalização do rio Negro, em sua extensão compreendida entre a Vila Natal e o centro da cidade. Essa obra, de acordo com os primeiros resultados dos estudos que vêm sendo realizados em favor de sua efetivação, exigirá um dos maiores investimentos por parte dos cofres públicos, mas nem por isso a Administração, pensa em descartá-la do seu elenco de trabalhos, visto que os problemas decorrentes das enchentes se constituem em grandes prejuízos para o município e sua população.

O prefeito Machado Teixeira reconhece a necessidade de seu governo dar maior importância aos estudos de um projeto, de solução imediata às enchentes, e que venha favorecer o desenvolvimento de outros programas garantindo melhores condições de vida à população.

A canalização do rio negro será desenvolvida em duas etapas, sendo que a inicial prevê os serviços entre o Largo Primeiro de Setembro e a rua Dr. Deodato Wertheimer, alcançando uma extensão de aproximadamente 250 metros. Nesse trecho serão aplicadas duas linhas de tubos, com diâmetro de 1,5 m. Em seguida a Administração realiza a etapa complementar que irá desde o Largo Primeiro de Setembro até o bairro de Vila Natal. Nessa fase, os trabalhos alcançarão um trecho de 1 km de extensão, onde serão implantadas duas linhas de tubos de 80 cm cada uma.

Além da zona central, que ficará livre das enchentes, serão beneficiados com essa obra, os bairros do Mogi Moderno, Vila Natal e Alto do São João. ●



abrindo novos caminhos

A cidade de 424 anos, com ruas estreitas e dispostas sobre um solo movediço, não está sendo capaz de suportar um intenso tráfego de veículos. Como se já não bastassem esses fatores preliminares, a malha central é obrigada a permitir a passagem de pesados caminhões que diariamente passam em demanda a outras cidades e danificam o pavimento na área central.

Além desses inconvenientes, Mogi das Cruzes nos últimos dez anos, passou a ser servida, por mais duas rodovias, sendo uma de serviço e outra de turismo que, recentemente construída atrai elevado número de veículos de toda a região. Por inúmeras vezes, se discutiu uma forma alternativa para conter os problemas decorrentes do Trânsito avolumado na malha central, porém os estudos sempre esbarram nas dificuldades econômicas enfrentadas pelo município.

O atual governo, pensando de maneira a favorecer a comunidade, se dispõe, agora, a estudar a implantação de uma via perimetral interligando os acessos de entrada e saída de Mogi das Cruzes e suas principais vias de tráfego. No entender do prefeito Machado Teixeira, a cidade possuindo uma perimetral, terá a sua área central livre do elevado número de veículos, especialmente os pesados caminhões. Também os setores agrícola e industrial, concentrados na zona periférica, terão novas alternativas de tráfego

rápido para o escoamento da produção.

Para o centro da cidade, perimetral estará sendo um alívio pelo fato de absorver o trânsito pesado, principalmente dos caminhões de madeira, que hoje representam risco para a segurança neste setor. Outra vantagem que virá, de imediato, será a preservação das redes de água, esgotos e do pavimento.

A construção da avenida perimetral, segundo o prefeito Machado Teixeira, "é a única solução para resolver definitivamente o problema representado pelos caminhões, que diariamente atravessam o centro da cidade e pelo elevado fluxo de veículos nos finais de semana rumo às praias de Bertioga.

Outra meta do governo municipal, com a realização desse projeto é proporcionar um desenvolvimento à zona periférica. Com um traçado de 15 Km aproximadamente, a nova via interligará os distritos de César de Souza e Jundiapéda e deverá se encaixar no traçado da atual avenida Lothar Waldemar Hoehner, vindo a aproveitar, em seguida, parte da estrada da Volta Fria, permitindo conexão com as rodovias Mogi-Dutra e SP-66, antiga estrada velha São Paulo-Rio de Janeiro.

Ao passar pelo distrito de Braz Cubas, a perimetral dará condições de acesso à avenida Henrique Peres, através de um ramal de aproximadamente 1 Km, para, finalmente, possibilitar ligação com a rodovia Mogi-Bertioga. ●

a atenção ao transporte popular

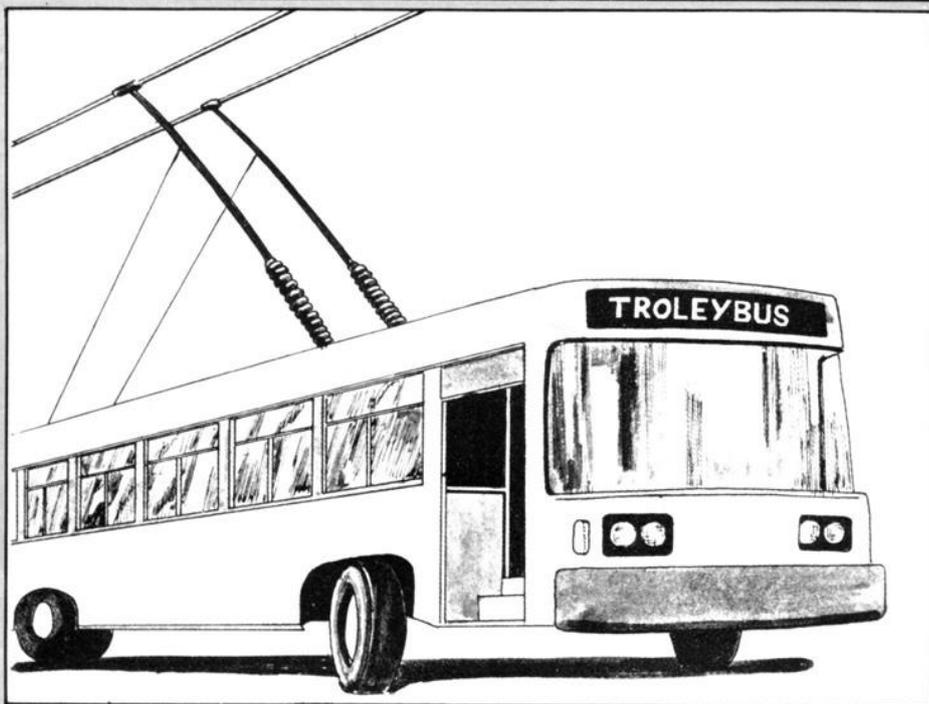
No setor de transportes coletivos, é necessário que o município alcance novas conquistas como forma de favorecer à sua população. Para isso, se discute também no Executivo, a aplicação de recursos para o estudo de um projeto de implantação, em Mogi das Cruzes, de um programa de linha de tróleibus, como alternativa de um transporte de massa mais atualizado e que permita, ao mesmo tempo, economia aos usuários, com serviços em percursos mais longos.

O prefeito Machado Teixeira afirma que esse meio de transporte após implantado, estará garantindo uma redução superior a 25% no preço das passagens para seus usuários. Além dessa vantagem, o tróleibus se torna viável pelo fato de ser um meio de transporte moderno, que não utiliza combustível e, consequentemente, não provoca poluição.

Ao contrário dos ônibus convencionais, os tróleibus, oferecem maior segurança, comodidade e rapidez aos seus usuários.

De acordo com os estudos que a Administração vem realizando, o programa, em sua primeira fase, prevê a implantação de uma linha entre os distritos de César de Souza e Braz Cubas. Numa segunda etapa, uma outra linha, em sentido transversal, entre o bairro da Ponte Grande e a Vila da Prata.

O objetivo principal do município em implantar esse projeto, é o de baratear os custos de transporte e ao mesmo tempo enquadrar, definitivamente, Mogi das Cruzes dentro de uma política governamental de substituição do petróleo por energia elétrica. ●



permitindo o município crescer

Mogi da Cruzes é uma das cidades do Estado de São Paulo que, nos últimos dez anos, perdeu parte de sua pujança econômica, em consequência da paralização do crescimento industrial, bem como pela falta da dinamização de uma política voltada para o seu desenvolvimento contínuo.

Preocupado com melhores condições de vida para a população e de estabilidade econômica e financeira para o município, o governo Machado Teixeira, através do estudo de novos projetos, pretende encontrar alternativas para definir um esquema de trabalho administrativo capaz de permitir o desenvolvimento de Mogi.

Como opção para estimular o crescimento industrial, Antonio Carlos Machado Teixeira defende a implantação de uma política de atração de novas empresas. Mas, para isso, o chefe do Executivo

entende que é necessário a realização de outros projetos de infra-estrutura que venham dar condições básicas para essa retomada do crescimento do município.

Outra grande saída para o aquecimento de sua economia através do aumento das arrecadações e do crescimento da oferta de emprego é a expansão das indústrias já existentes.

A transferência para o Cocuera da atual estação de captação e recalque do Semaé, hoje situada no distrito de César de Souza, é vista como alternativa mais viável. Para o chefe do Executivo, essa medida, possibilitará maior liberdade nessa área para a expansão industrial, gerando com isso, mais empregos e arrecadações para o município.

Com a efetivação desta idéia, a estação de captação e recalque do Semaé será levada para o bairro de Cocuera, aproximadamente 7 Km rio acima, permitindo um abastecimento de melhor qualidade a toda Mogi das Cruzes em razão da utilização de novos equipamentos.

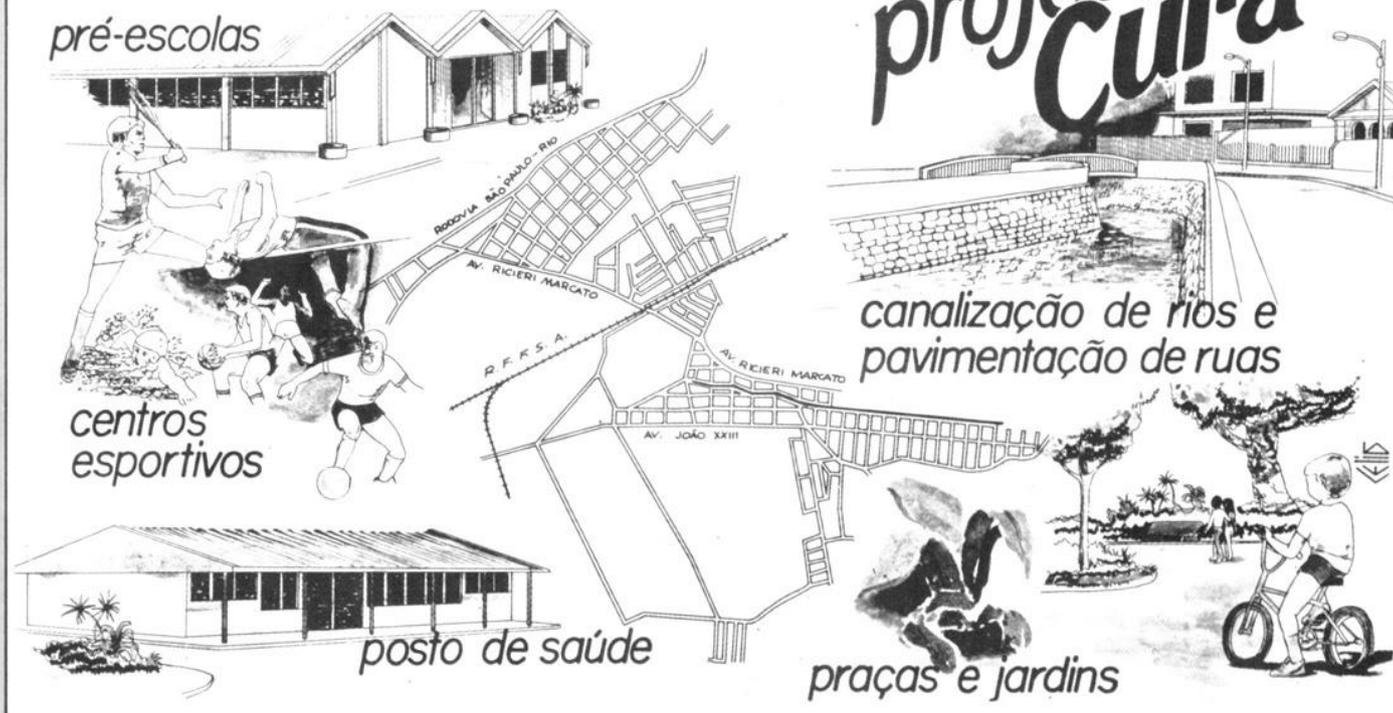
O ponto fundamental para efetivar a transferência da captação, é o município obter a liberação definitiva da área de César de Souza - atualmente sob jurisdição da Lei de Proteção dos mananciais, que possibilitará a retomada dos crescimentos industriais nessa localidade.

Mogi das Cruzes tem condições para se desenvolver industrialmente por vários motivos como, por exemplo, o fato de ser uma cidade situada nas proximidades da Capital, possuir boas condições de comunicação, indústrias complementares e mão de obra qualificada. ●



CÉSAR de SOUZA

projeto Cura



Melhorando a qualidade de vida

O desenvolvimento do setor periférico do Município também está contido no plano administrativo do governo Machado Teixeira. Além da realização de serviços voltados essencialmente para melhorar as condições de vida nessas comunidades urbanas, o chefe do executivo demonstra disposição de desenvolver novos projetos que permitam ao mesmo tempo, um crescimento nessa área.

Com valorização à periferia e reconhecimento de suas necessidades, o prefeito estuda a execução do Projeto Cura para o distrito de César de Souza, considerada uma das regiões mais populosas e carentes de recursos e melhorias, o distrito, após receber esse programa de obras, elevará substancialmente o nível de vida de seus moradores.

O governo municipal vem tentando obter recursos junto ao Ministério do Interior e outros setores ministeriais na Capital Federal, com a finalidade de dotar a Prefeitura de condições para realizar esse projeto que de acordo com seu conteúdo, proporcionará uma transformação radical no distrito.

As principais obras que constam desse programa de desenvolvimento estarão possibilitando à sua população a superar os problemas crônicos de iluminação pública, pavimentação, saneamento e equipamentos urbanos.

Os trabalhos da administração para obtenção do Cura tiveram início em outubro de 1.983, quando foi feita a solicitação dos mesmos ao Governo Federal. Ao longo desse período vem sendo mantidos inúmeros contatos com setores ministeriais no sentido de alcançar esse auxílio e efetivar a sua implantação a partir do início do próximo ano.

A principal etapa do processo de liberação das verbas do Projeto Cura já foi alcançada.

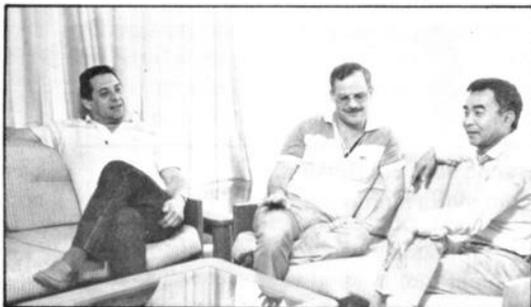
Trata-se da "carta de adesão" aprovada pelo Banco Nacional da Habitação - BNH, garantindo as condições de o município receber esse programa de obras. Na atualidade, resta apenas ser cumprida a etapa complementar do processo que consta da montagem de todo o projeto para finalmente ser apreciado novamente pelo BNH e Senado Federal, o que deverá ocorrer até o próximo mês de novembro.



Com o objetivo de conhecer e pesquisar os custos sociais, qualidade de vida, produtividade, sistema de relações trabalhistas e programas educacionais do Japão, um grupo de profissionais mogianos – integrado por Paulo Machado (diretor da NGK do Brasil, Renato Rissoni (gerente de Relações Industriais da Dresser), Luiz Ciochi (gerente de Relações Humanas da Aços Anhanguera e presidente da APARH) e Minor Harada (assessor da NGK e colaborador da revista ATO) – seguiu

para aquele país, onde visitará empresas como a Komatsu, Honda, NGK e Toyota entre outras. Além das cidades irmãs de Mogi, Seki e Toyama, os mogianos passarão por Los Angeles, onde farão contatos com empresários e profissionais norte-americanos e conhecerão as sedes da NGK e Dresser nos EUA. Antes de embarcarem, Luiz Ciochi e Renato Rissoni estiveram na ATO, onde foram recebidos pelo jornalista Fernando Leal, editor responsável pela revista.

A diretoria do União Futebol Clube, que está completando 71 anos este mês, preparou algumas comemorações para marcar a data: o tradicional baile de aniversário, no dia seis, e uma partida de futebol contra o Paulista de Jundiá, no dia dois. O presidente do União, João Pedro de Miranda e um dos integrantes da diretoria, Edmo Andreucci, estiveram na revista ATO participando a organização dos eventos.



A criação do Siam – Sistema Ipiranga de Assistência Médica – significa uma nova mentalidade em termos de atendimento hospitalar e que vai de encontro com a política do Ministério da Previdência Social de

repassar para empresas especializadas a assistência médica, principalmente para pessoas das classes média e baixa da população. Assim define o médico Sidnei Shoji Mori, 28 anos, vice-presidente do Hospital Ipiranga, que acompanhado de seu pai, Nobolo Mori, esteve recentemente na revista ATO. Sidnei, formado pela Escola Paulista de Medicina e especializado em ortopedia, salientou a importância de um atendimento personalizado, como já ocorre nos grandes centros com as medicinas de grupo. Neste ponto, concorda o diretor do Ciesp, Ângelo Albiero, que, durante o encontro, confirmou vários convênios de pequenas e médias indústrias da região com o plano Siam.

VIAJE.
DÊ
UM
TEMPO A
VOCÊ
MESMO.

As agências de turismo de Mogi têm tudo pronto para levar você a qualquer lugar do Brasil e do mundo. Consulte seu agente de viagens, escolha um bom plano e veja as facilidades que eles lhe estão dando.

Compre em Mogi.
Sua cidade merece.
Revista ATO

CALDEIRÃO

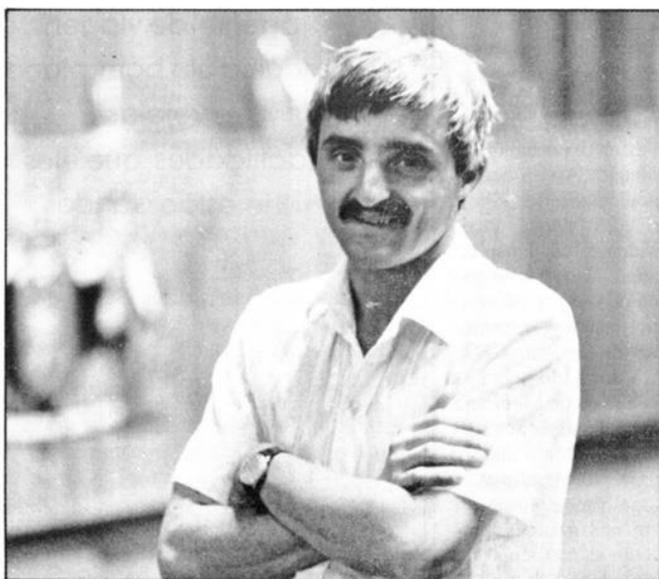
EME

Futuro ministro



Maurício: "Meu querido Gilvan, vou precisar de você em Brasília, tá?"
Gilvan: "Só se você montar a Codat lá, com muita mordomia, falô."

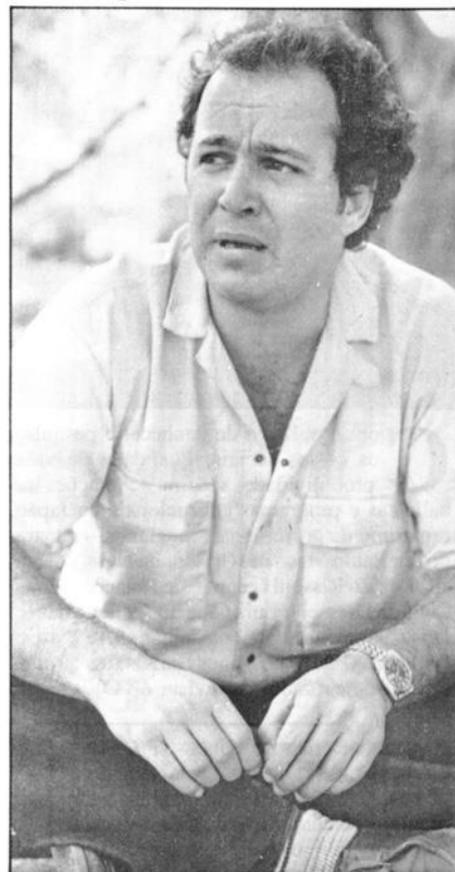
Operário Padrão da Câmara



"Vereador" Odair, o bom. É o que mais trabalha, menos recebe e só tem aumento... de serviços.

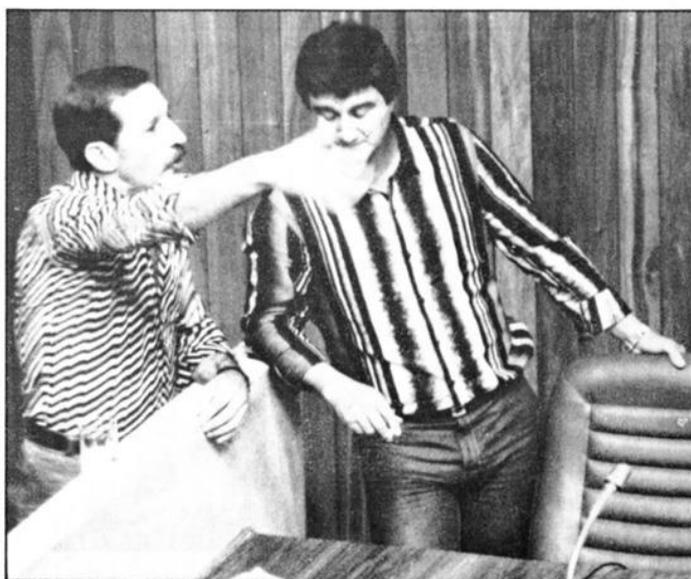
FOTOFOCAS

Agricultura: demissão



Ex-secretário: "Pois é, pessoal: 'pimenta' no 'bobô' dos outros é frescoro."

De-bate democrático



Ivan: "Charutinho, você é intragável".
Charutinho: "Não bate assim que dói, Ivan."



Estacionamento muito caro

O povo comenta: draivão do Anselmo.

CALDEIRADAS

- Segundo um influente vereador do PDS, o Machado achou uma fórmula ideal para "amansar" os quatro "mosqueteiros" do PMDB que lhe fazem oposição na Câmara: servir generosas doses de *scotch* no fim do expediente, para ninguém ver. O primeiro encontro aconteceu no dia 10 de agosto, uma sexta-feira, exatamente às 19 horas.
- Atenção viciados e milionários de Mogi: para tentar ganhar dinheiro no jogo, não é preciso mais locomover-se até Assunção ou Las Vegas. No Largo Bom Jesus, está funcionando, a todo vapor, um cassino ao ar livre. Vamos ao jogo porque o trabalho é um roubo.
- Se o Andreazza ganhasse a convenção, o CURA sairia mais rápido e o *slogan* do prefeito seria "Machado na cabeça". Mas como o Maluf ganhou, o CURA deverá demorar mais e o *slogan* também mudou para "Na cabeça do Machado".
- Comentário na praça: "A Eroles não ajuda o União F.C. porque o vereador Luiz Beraldo de Miranda, todas as vezes que se fala em aumento das passagens, cria caso na Câmara."
- Após a posse do jovem Flávio Augusto, o "Gugue", na Codemo, para trabalhar no período da tarde, fofoca-se na Prefeitura que o professor Argeu Ba-
- talha só atende o professor Anselmo no período da manhã.
- O maior sonho do advogado João Batalha Neto, atual diretor jurídico da Prefeitura, é ser efetivado no quadro. Com a palavra o prefeito.
- De um conceituado médico cardiologista da cidade: "Se depender de doença do Machado, o Waltely não vai assumir nunca a Prefeitura. O homem tem uma saúde de ferro. E se tal por acaso acontecer, os outros doze "prefeitos" jamais permitirão qualquer mudança, mesmo por pouco tempo".
- Do jornalista Sílvio Sanzone da Metrô, dia desses: "O prefeito Firmino tentou ser seqüestrado."
- Após a vitória de Maluf na convenção, o radialista JB Alves foi conhecer o futuro gabinete do deputado Maurício Najjar em Brasília, hoje ocupado pelo ministro Abi Ackel. Voltou encantado com o luxo e conforto das instalações.
- Durante o velório de um parente de um ex-vereador, numa roda de políticos comentava-se que o vereador Bento Antônio de Oliveira é o único edil que não pode morder nada, porque está banguela.
- Os dois vereadores da área rural, Namie e Olímpio, receberam com muita "surpresa" a exoneração do Pimenta, da Agricultura. Éta gente "distraída" sô!
- Desabafo do Toninho Eroles para um amigo: "O Romildo até que é bonzinho com a gente, mas os outros quatro (Caria, Cuco, Sanchez e Charutinho) só me criam problemas.
- De um vereador do PDS, justificando a indicação de Nilton Straube para o lugar do Pimenta: "Além de ser tio do prefeito, ele tem sítio no Botujuru".
- Após o último vendaval de demissões na Prefeitura, o Fredini, da Promoção Social, é o único secretário indicado pela Savana.
- Pelo menos o *Sesigate* teve um final "feliz": todos os protagonistas foram demitidos. Os outros *gates*, porém, continuam em banho-maria.
- A última: o conhecido corretor João "Ladrão" Mendes, através da Kimem Seguros Contra Roubos, está patrocinando um concurso denominado "Rei da tentativa". Os participantes deverão ser executivos maiores de 50 anos. Prêmio: passagem e estadia gratuitas para Jacarepaguá por 15 dias. Incrições pelo telefone 469-5045.

A vez do consumidor

Em janeiro, quando iniciou sua gestão à frente da Associação Comercial de Mogi das Cruzes, Airton Nogueira sabia que encontraria grandes desafios e problemas pela frente. Agora, antes de completar seu primeiro ano ele não tem dúvidas de que suas previsões eram corretas. Apesar disso, Nogueira veio disposto a colaborar com a categoria e marcar sua presença num posto que, sem grande possibilidade de erro, é dos mais difíceis da cidade. Às vésperas de realizar sua primeira grande promoção, a Semana do Consumidor, de 14 a 22 de setembro, o presidente da Associação Comercial falou a ATO.

ATO – Você está na Associação Comercial e Industrial de Mogi das Cruzes desde 73 como diretor e, agora, em janeiro passado, assumiu a presidência, um cargo que muitos usam como trampolim para uma carreira política. É essa a intenção?

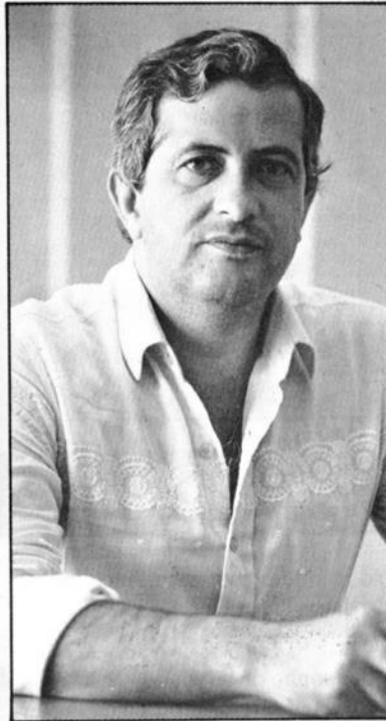
AIRTON NOGUEIRA – Até hoje não pensei nisso, mas quem é que não tem pretensão política? Hoje, isso não passa pela minha cabeça e também não sei se realmente a Associação pode dar votos. Apoio é uma coisa diferente; o que pretendo é trabalhar pelo comerciante.

ATO – Com mais de mil associados e pela força que a ACIMC tem, quais os maiores problemas que você encontrou na Associação?

AIRTON – Como é que eu vou trabalhar pelo comerciante se não sei o que ele está precisando? É aí que está um grande problema. Os anseios dos comerciantes são heterogêneos, e é muito difícil seguir uma linha de direção. O que tenho procurado fazer é resolver e discutir as questões em cada classe comerciante. A maior luta, porém, é conscientizar o comerciante de que a Associação é a casa dele e é lá que ele tem de buscar soluções. Ele acredita na entidade, mas não está acostumado a buscar lá as soluções, ao contrário, vai só quando esgotou todos os outros meios.

ATO – Como se inverte uma situação como essa?

AIRTON – Uma das formas são reuniões setoriais. Já temos os departamentos dos panificadores e supermercados e estamos organizando agora o das imobiliárias, num caminho que ainda prevê grupos como o dos postos de gasolina, gráficos e depósitos de materiais de construção entre outros. Tenho três metas principais na minha gestão que vai até janeiro de 86: reuniões em diferentes bairros da cidade, mostrando aos comerciantes destes locais o que é a Associação e o que ela pode fazer



Nogueira: é preciso confiar

por eles; a Semana do Consumidor; e o principal, que é fazer com que os comerciantes passem a entender que a Associação existe para ajudá-los.

ATO – O que será a Semana do Consumidor?

AIRTON – É uma promoção que o comércio realizará em setembro, com várias atrações e ofertas para os consumidores, o que exigirá uma eficiente infra-estrutura, uma espécie de consórcio de comerciantes, que se responsabilizará por tudo, desde o elenco de até os Shows e brindes para os consumidores. Será algo como transformar o centro comercial da cidade num grande shopping center, com muitas atrações e ofertas, uma grande feira ao ar livre, uma festa.

ATO – Há 16 anos no comércio, como você analisa o setor neste sério momento de crise?

AIRTON – Ele cresce aquém da inflação, com os produtos subindo fantasticamente e o comércio não conseguindo acompanhar a inflação, perdendo então nas vendas reais.

ATO – Há uma característica especial no consumidor ou no comércio mogiano?

AIRTON – Acredito que não, apesar de existir um dado a ser analisado no consumidor: a proximidade com São Paulo faz

com que surja sempre a interrogação – os preços da capital são ou não mais baratos? Vale a pena comprar lá? Nós sabemos que, em linhas gerais, o preço de Mogi é melhor que o de São Paulo. Na capital, existem as promoções de que todos falam, mas aqui também temos. No meu ramo, de papelaria, garanto que vendemos mais barato, o que ocorre em muitos outros também.

ATO – As grandes lojas, magazines, seriam uma saída?

AIRTON – Não sei não. O comércio hoje opera na razão direta do movimento das mercadorias. Por exemplo, se ela girar em 15 dias, tem-se um lucro de 20%; se esse prazo for de 90 dias é necessário um lucro de 80%. No momento, todos estão fazendo o giro como manda o sistema dos supermercados, que investem paralelamente. Quanto às grandes lojas fico na dúvida, pois, agora, uma gigante como a Mesbla começa, sem que muita gente saiba, a investir em pequenas lojas, como serão as da cadeia Folias e Companhia, de roupas infantis.

ATO – Com o aumento do desemprego o comércio tem sido o setor mais procurado, como opção de quem perdeu o emprego?

AIRTON – A carga tributária hoje é insuportável, não há quem aguente. Um empregado ganhando Cr\$ 100 mil custa na verdade 180 mil. Há ICM, Imposto de Renda, Finsocial, sem se falar nos enormes juros bancários. Apesar disso, o comércio é uma saída.

ATO – Os comerciantes precisam de incentivo para participar da Associação, e os consumidores, como vão ser atraídos?

AIRTON – A propaganda é uma arma eficaz, mas os comerciantes de Mogi não acreditam no seu retorno. Ele tem-se preocupado mais em fazer, por conta própria, a sua publicidade através de malas diretas, folhetos e promoções visuais na loja, atingindo direta e pessoalmente o freguês. Outro problema é o custo elevado das inserções, o que acaba assustando. Na verdade, o lojista não acredita na maioria dos seus meios de comunicação e, pessoalmente, acho que grande parte do problema está nos próprios veículos.

ATO – E o poder público; o que faz pelo setor?

AIRTON – A Prefeitura tem nos ajudado em muita coisa, mas nosso maior problema está em outras esferas, precisamos sensibilizar as autoridades tributárias de que estamos lutando com dificuldades e que somos responsáveis por 70% da mão-de-obra empregada do país.

NO AR



Quem faz poupança no Banco Real fica mais forte.

Traga sua Caderneta de Poupança para o Banco Real. Aqui ela vai ficar mais rica. E você também. Porque além de render juros e correção monetária, a Caderneta de Poupança do Banco Real rende pontos a seu favor.

E se você já tiver Seguro, Conta Corrente, ou se utilizar de outros produtos e serviços do Banco Real, já está ganhando. Porque nossos computadores vão somando os pontos gerados em cada produto para que, a partir de um limite, você comece a ganhar os benefícios do Sistema

Realmaster de Vantagens Progressivas.

Descontos, créditos especiais, facilidades de negócios são algumas das vantagens deste Sistema pioneiro e exclusivo do Banco Real. Feito para você ganhar mais dinheiro e ficar bem mais forte como cliente do Banco que trabalha inteiro para você. E que faz mais. Sempre mais.

Este Sistema, assim como o Extrato Consolidado, Extrato Descomplicado, Disque Real, Realmatic, Banco 24 Horas, Cheque Realmaster, além de outros produtos e serviços que o Banco Real oferece, são resultados de uma avançada tecnologia de computadores utilizada em benefício de seus clientes. Isso é fazer mais.

BANCO REAL

O Banco que faz mais por seus clientes.

